

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CÂMPUS DE MARÍLIA
Programa de Pós-graduação em Filosofia

**O CONCEITO DE ESPÍRITO E O ESPIRITISMO EM UMA FILOSOFIA DA
RELIGIÃO NEOHEGELIANA ATUAL: UM ESTUDO A PARTIR DA
INTERPRETAÇÃO ESPIRITUAL ESPECULATIVA**

FÁBIO RAIMO MARCONATO

ORIENTADOR: Prof. Dr. Ricardo Pereira Tassinari

MARÍLIA

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CÂMPUS DE MARÍLIA
Programa de Pós-graduação em Filosofia

**O CONCEITO DE ESPÍRITO E O ESPIRITISMO EM UMA FILOSOFIA DA
RELIGIÃO NEOHEGELIANA ATUAL: UM ESTUDO A PARTIR DA
INTERPRETAÇÃO ESPIRITUAL ESPECULATIVA**

FÁBIO RAIMO MARCONATO

Dissertação apresentada como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Marília.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pereira Tassinari

MARÍLIA

2022

M321c Marconato, Fábio Raimo
O conceito de espírito e o espiritismo em uma filosofia
neohegeliana atual : um estudo a partir da Interpretação espiritual
especulativa / Fábio Raimo Marconato. -- Marília, 2022
77 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Ricardo Pereira Tassinari

1. idealismo especulativo. 2. Hegel. 3. Interpretação Espiritual
Especulativa. 4. Espiritismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Fábio Raimo Marconato

**O conceito de espírito e o espiritismo em uma filosofia da religião
neohegeliana atual:** um estudo a partir da interpretação espiritual especulativa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: Conhecimento, ética e política

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ricardo Pereira Tassinari
UNESP – Câmpus de Marília
Orientador

Prof. Dr. Sinésio Ferraz Bueno
UNESP – Câmpus de Marília

Prof. Dr. Inácio Helfer
UNISINOS – Câmpus Porto Alegre

Marília, 29 de agosto de 2022.

RESUMO

O objeto de pesquisa deste trabalho é discutir o conceito de Espírito a partir da Interpretação Espiritual Especulativa (IEE) proposta por Tassinari e sua possível relação com o conceito de Espírito no Espiritismo e as suas propriedades de perenidade, evolução e reencarnação. O Espiritismo propõe trazer considerações sobre a Realidade derivadas das observações das relações com Espíritos desencarnados. A Interpretação Espiritual Especulativa é uma filosofia neohegeliana atual que, com base no pensamento hegeliano, investiga a realidade. Da análise dos conceitos trazidos pelo Espiritismo através da IEE, considera-se a possibilidade do Espiritismo. Considerada a possibilidade do Espiritismo, pode-se evidenciar conceitos que traduzem uma nova interpretação da Realidade, de modo que essa interpretação pode ser usada para interpretar as filosofias e servir de base para elaboração de novos pensamentos.

Palavras-chave: Absoluto; espírito; Interpretação Espiritual Especulativa; Espiritismo; Hegel; religião; neohegelianismo atual

ABSTRACT

The research object of this work is to discuss the concept of Spirit based on the Speculative Spiritual Interpretation (IEE) proposed by Tassinari and its possible relationship with the concept of Spirit in Spiritism and its properties of perennality, evolution and reincarnation. Spiritism brings considerations about Reality derived from observations of relationships with disembodied Spirits. Speculative Spiritual Interpretation is a current neo-Hegelian philosophy that, based on Hegelian thought, investigates reality. From the analysis of the concepts brought by Spiritism through the IEE, the possibility of Spiritism is affirmed. Considering the possibility of Spiritism, concepts that translate a new interpretation of Reality can be highlighted, so that this interpretation can be used to interpret philosophies and serve as a basis for the elaboration of new thoughts.

Keywords: Absolute; spirit; Speculative Spiritual Interpretation; Spiritism; Hegel; religion; current neo-hegelianism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 ESPIRITISMO	8
2.1 ASPECTO CIENTÍFICO DO ESPIRITISMO.....	10
2.1.1 A Mediunidade que Possibilitava o Fenômeno das Mesas Girantes	12
2.1.2 Continuidade das Pesquisas Espíritas	14
2.2 ASPECTO FILOSÓFICO DO ESPIRITISMO.....	15
2.2.1 Princípios e Conceitos Espíritas.....	16
3 A INTERPRETAÇÃO ESPIRITUAL ESPECULATIVA	23
3.1 O PRINCIPAL PENSAMENTO DE HEGEL PARA A IEE	25
3.1.1 Hegel e uma Filosofia baseada em Conceitos	27
3.1.2 Conceitos de Religião e Espírito Absoluto.....	29
3.2 A IEE E SEUS CONCEITOS PRINCIPAIS	30
3.3 O ESPÍRITO ABSOLUTO PARA A IEE	32
3.4 O CONCEITO DE ESPÍRITO PARA A IEE.....	33
4 UMA FILOSOFIA DA RELIGIÃO NEOHEGELIANA ATUAL E O ESPIRITISMO.....	35
4.1 CONCEITO DE ESPÍRITO PARA O ESPIRITISMO	38
4.2 FUNDAMENTO FILOSÓFICO AO ESPIRITISMO	43
4.3 Os 5 PRINCÍPIOS ESPÍRITAS E SUAS POSSIBILIDADES	46
4.3.1 Existência de Deus.....	47
4.3.2 Existência e Imortalidade do Espírito	48
4.3.3 Reencarnação e Pluralidade das Existências	52
4.3.4 Comunicabilidade com os Espíritos	56
4.3.5 Pluralidade dos Mundos habitados	59
5 DA IEE A UMA FILOSOFIA DA RELIGIÃO NEOHEGELIANA ATUAL	62
5.1 CONCEITOS QUE PERMITEM PENSAR UMA FILOSOFIA DA RELIGIÃO NEOHEGELIANA ATUAL	64
5.1.1 Conceito do Espírito Absoluto em si, por si e para si (Seção 3.2, Tese 1) e de que Há Deus (Subseção 4.3.1)	64

5.1.2 Conceito de Progressão Lógica (Seção 3.2, Tese 4) e Conceito de Reencarnação (Subseção 4.3.3).....	65
5.1.3 Conceito de conceitos já realizados (Seção 3.2, Tese 5).....	66
5.1.4 Conceito de que Espírito Absoluto é o Todo (Seção 3.2, Tese 7) e Conceito de Existência e Imortalidade do Espírito (Subseção 4.3.2)	67
5.1.5 O Conceito de Sujeito/Eu (Seção 3.2, Tese 9).....	67
5.1.6 Conceito de Espírito para a IEE (Seção 3.4) e para o Espiritismo (Seção 4.1)	69
5.1.7 Conceito de Mediação.....	69
5.2 UMA FILOSOFIA DA RELIGIÃO NEOHEGELIANA ATUAL E O CONHECIMENTO	70
6 CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS.....	75

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intenciona discutir o conceito de Espírito a partir da Interpretação Espiritual Especulativa (IEE) proposta por Tassinari e sua possível relação com o conceito de Espírito e suas propriedades no Espiritismo. As obras que servem de base para o presente trabalho são os textos de Tassinari que expõe a IEE, a *Enciclopédia da Ciência Filosófica em Compêndio (1830)* de G. W. F. Hegel e *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, por se tratarem das obras que expõe os principais conceitos dos sistemas em análise.

No Capítulo 2, *Espiritismo*, resume-se algumas das principais teses do Espiritismo, em especial, aquelas que serão aqui discutidas, e elucida-se os pontos que podem fazer com que se possa considera-lo uma contribuição ao pensamento filosófico. No Capítulo 3, *A Interpretação Espiritual Especulativa* apresenta-se, resumidamente, a IEE, que se define como um pensamento neohegeliano atual, expondo suas bases hegelianas, inclusive. No Capítulo 4, *Uma Filosofia da Religião Neohegeliana Atual e O Espiritismo*, analisa-se o Espiritismo pelo viés da IEE, no sentido de mostrar que há, na exposição do Espiritismo e, conseqüentemente, na essência da doutrina, conceitos coerentes com o hegelianismo, e que os sentidos desses podem ser aprofundados por essa visão neohegeliana atual. Nesse Capítulo 4, pôde-se afirmar pela possibilidade do Espiritismo do ponto de vista conceitual. No Capítulo 5, *Da IEE a uma Filosofia da Religião Neohegeliana Atual*, apresenta conceitos que podem ser aduzidos da análise realizada no Capítulo 4 e que podem embasar uma Filosofia da Religião atual, vindo também a constituir uma nova abordagem para analisar as questões propriamente filosóficas.

Neste trabalho, optou-se por uma abordagem eminentemente lógico-conceitual, no sentido de que o que se encontrará ao longo desta dissertação são considerações logicamente derivadas dos conceitos abordados. Buscou-se seguir o modelo hegeliano, que também é adotado pela IEE, de se considerar um pensamento sem pressupostos, de maneira que os próprios pressupostos ou princípios derivariam de considerações lógico-conceituais. Entretanto, neste trabalho, não se desenvolve a defesa de uma filosofia sem pressupostos, mas adota-se o já realizado e também parte-se de alguns pressupostos, tal como a existência de uma Realidade além do

solipsismo, por exemplo. Outro pressuposto adotado, a partir da IEE, é a existência de um todo de compreensão que possibilita considerar o Espiritismo como um campo de conhecimento e que possibilita a adoção de suas conclusões como complemento ao conhecimento humano.

O presente trabalho não visa, de forma alguma, estabelecer uma verdade indiscutível sobre o tema que aborda. O escopo deste é apresentar um ponto de vista que não se encontra, pelo menos na pesquisa realizada, em outros trabalhos já realizados. Tal ponto de vista remete, como se pode observar ao longo do trabalho, aos princípios de estabelecimento de uma filosofia, de maneira que ele se torna, também, uma maneira de interpretação filosófica própria. Dessa forma, justifica-se a quase ausência de citações de comentadores, pois a forma de se interpretar a obra hegeliana é bem diferente da que normalmente é feita, como a consideração de que somos espíritos imortais, por exemplo.

O objetivo desta dissertação, portanto, é contribuir com a discussão filosófica na medida em que apresenta uma interpretação dos pensamentos e problemas filosóficos levando em consideração conceitos que denotam uma realidade espiritualista, *espiritualista* no sentido da consideração de um fim, ou *telos*, para a nossa existência, em função da existência de uma inteligência superior. Dito de outra maneira: se existe uma inteligência superior, tudo o que se pode compreender derivaria dela, inclusive nossa existência, ou nossa vida, que poderia, conceitualmente, continuar após a morte e ter um objetivo já existente. E, por levar isso em consideração, buscando mostrá-lo ao longo do trabalho, justifica-se a oportunidade desta dissertação. Entende-se, por fim, que as conclusões a que se chega neste trabalho possam servir de orientação para o desenvolvimento de um pensamento filosófico que relacione Filosofia e Religião, ajudando a compreender o Absoluto, e de orientação para o estabelecimento de doutrinas religiosas que visem que seu adepto encontre o Absoluto em si.

2 ESPIRITISMO

Trata-se de doutrina espiritualista (no sentido de considerar que há um espírito que habita o corpo) elaborada por Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, pedagogo francês. O Espiritismo tem por base cinco livros de autoria de Kardec: *O Livro dos Espíritos*, de 1857; *O Livro dos Médiuns*, de 1861; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de 1863; *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo*, de 1865; e *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*, de 1868.

A “espinha dorsal” do Espiritismo é *O Livro dos Espíritos*. Foi o primeiro livro publicado por Allan Kardec e trouxe os princípios basilares da doutrina, bem como a expôs em sua totalidade, sendo os livros subsequentes aprofundamentos de temas já indicados. José Herculano Pires, um dos tradutores da obra de Kardec no Brasil, descreve, de forma sumária, em sua introdução a *O Livro dos Espíritos*, o conteúdo do citado livro:

O livro começa pela metafísica, passando depois à cosmologia, à psicologia, aos problemas propriamente espíritas das origens e natureza do espírito e suas ligações com o corpo, bem como aos da vida após a morte, para chegar, com as leis morais, à sociologia e à ética, e concluir, no Livro IV, com as considerações de ordem teológica sobre as penas e gozos futuros e a intervenção de Deus na vida humana. Todo um vasto sistema, sem as exigências opressoras ou prejuízos do espírito de sistema, numa estrutura livre e dinâmica, em que problemas são postos em debate (KARDEC, 2007, p. 15).

Nota-se que a proposta de *O Livro dos Espíritos*, e, por consequência, do Espiritismo, é responder às maiores questões humanas, por isso pode-se considerá-lo como uma doutrina filosófica, mesmo porque seu conteúdo recai em consequências morais. E foi através dos estudos de Kardec sobre fenômenos paranormais, que não tinham explicação razoável até então, atribuídos a inteligências que não estão no plano material, chamadas de *desencarnadas*, que o Espiritismo foi elaborado. Segundo as palavras de seu criador, no preâmbulo do opúsculo *O que é o Espiritismo*:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende

todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações (KARDEC, 2011, p. 10).

Pela citação acima, observa-se claramente que Kardec pretendeu dar a sua doutrina bases científicas e filosóficas, pois os fatos experimentais são analisados cientificamente e as consequências das observações desses eventos são colocados em um sistema filosófico.

Depreende-se disso que o Espiritismo visa explicar relações com rigor científico que antes não se explicava com tal rigor. Tais relações seriam entre o mundo dos encarnados, ou vivos, e o mundo dos desencarnados, ou *mortos*. A investigação sobre tais relações acabam por trazer questões metafísicas como, por exemplo, as questões sobre o que é Deus, o que é o espírito e da sobrevivência da consciência à morte do corpo físico.

Quanto ao aspecto filosófico do Espiritismo, ao se dizer que há um sistema filosófico, adota-se uma definição de sistema diferente a que o próprio Kardec adotava. Para ele, nos Prolegômenos de *O Livro dos Espíritos*, o livro estaria “livre dos prejuízos do espírito de sistema” (KARDEC, 2007, p. 52) , pois Kardec entendia que cada posição filosófica individual seria um sistema, ou seja, que a opinião filosófica de cada cientista e de cada filósofo era um sistema. A intenção de Kardec era deixar claro que *O Livro dos Espíritos* não era posicionamento filosófico seu, mas era uma sistematização dos ensinamentos dados pelos Espíritos. Dizendo de outro modo, Kardec considera que seu sistema filosófico não é dogmático (dogma no sentido de verdade indiscutível), fechado, mesmo porque não é uma filosofia que parte das considerações de uma pessoa, dele próprio, mas sim consequência de conhecimentos trazidos por consciências que estariam em outro plano, os Espíritos, de modo que a própria maneira pela qual o Espiritismo foi elaborado impediria um dogmatismo. Pode-se considerar o Espiritismo como um sistema aberto em contrapartida a um sistema dogmático, como pode ser observado no livro *A Gênese*:

O Espiritismo, marchando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque se novas descobertas demonstrassem estar em erro sobre um certo ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará. (KARDEC, 2010, p. 46)

Nesse sentido, Kardec assume a prevalência da ciência frente a teologia dogmática, mesmo levando-se em consideração que a definição de ciência para o tempo dele não era a mesma que se considera atualmente. A noção dele à época era a da visão que foi exposta no Positivismo. Kardec é influenciado pela filosofia comtiana, buscando a verdade nos fatos positivos, observáveis, e elaborando leis gerais sobre os fatos. Logo, para o Espiritismo, tudo que for verdade será incorporado ao seu sistema filosófico, de maneira que ele sempre poderá ser atualizado. Distancia-se de Comte principalmente por não colocar limites a aprofundamentos de todas as questões filosóficas, tal como Comte fez com a parte teológica, religiosa.

2.1 Aspecto Científico do Espiritismo

Explana-se, nesta seção, de forma geral, sobre como se deu a elaboração do Espiritismo e sobre sua cientificidade para se fazer entender porque seria legítimo adotar a referida doutrina para este estudo e o porquê ela poderia trazer contribuições ao conhecimento atual.

Em 1848, em uma pequena cidade, chamada *Hydesville*, no estado de Nova Iorque, EUA, começou a ocorrer estranhos fenômenos na casa da família Fox. As meninas da casa disseram que podiam comunicar-se com espíritos através de sons de batidas na madeira que seriam realizados pelos espíritos, fenômeno esse conhecido por *tiptologia*. Tal evento até hoje é motivo de polêmica, em relação à veracidade dos fatos, porém, o que é digno de nota é que, a partir dele, houve aumento do interesse sobre o tema da espiritualidade e a possível comunicação com espíritos, podendo tal evento ser a referência do aumento do interesse no mundo do “além”.

Pouco depois, começa a acontecer um fenômeno parecido por toda a Europa, chamado de *mesas girantes*. Pessoas se reuniam ao redor de mesas e observavam elas se movimentarem, levitarem, realizarem batidas no chão e transmitir comunicações inteligentes, respondendo a perguntas, sendo esses eventos atribuídas ora a espíritos, ora a forças da natureza. O fenômeno das mesas girantes durou vários anos. Muitas pessoas célebres daquele tempo participaram dessas reuniões e atestaram pela veracidade dos fatos, como, por exemplo, os escritores Arthur Conan Doyle e Victor Hugo. Ambos os escritores deixaram suas impressões sobre esses

eventos para a posteridade, Arthur Conan Doyle no seu livro *História do Espiritualismo* e Victor Hugo no seu livro *O Livro das Mesas*.

Allan Kardec foi convidado a participar de uma dessas reuniões e, mesmo apesar de ser inicialmente cético com relação ao fenômeno, aceitou o convite. Após observar o que se passou na reunião, verificou que havia algo a ser investigado com atenção, pois as manifestações ocorridas eram de caráter inteligente. Depois de muita observação e comunicações com os Espíritos, através da mediunidade de colaboradores, Kardec lança *O Livro dos Espíritos*, submetendo as fases de elaboração e revisão aos próprios Espíritos, sendo este mais um motivo que fez Kardec afirmar que a doutrina não é dele, mas sim dos Espíritos.

O método que Kardec utilizou está exposto em *O Livro dos Médiuns*, livro subsequente a *O Livro dos Espíritos*, no qual estão expostos o método, as leis sobre as relações entre os encarnados e os desencarnados as quais Kardec chegou, e recomendações aos praticantes. Ao analisar o conteúdo desse livro, pode-se observar que Kardec foi muito rigoroso ao admitir veracidade a manifestações, rigor que é fruto do mesmo método rigoroso e científico que guiou a concepção da doutrina espírita. A importância de Kardec no âmbito espiritualista se dá exatamente nesse rigor com o qual observava as manifestações espirituais. Antes não havia sistematização desta relação entre o mundo material e o mundo espiritual, pelo menos no mundo europeu moderno.

Kardec parte da observação dos eventos mediúnicos, elabora teorias e leis gerais, aproximando-se, assim, de uma ciência. Tais eventos puderam ser observados por várias pessoas eminentes da época, de maneira que o estudo deles não ficou restrito a Kardec, mas abrange um leque amplo de cientistas, pesquisadores, escritores, etc., que publicaram a respeito, todos afirmando a veracidade de eventos de mesma natureza da que Kardec pesquisou. Pode-se citar alguns nomes mais conhecidos a título de exemplos: Alexandre Aksakof, russo; Ernesto Bozzano, italiano; William Crookes, inglês; Cesare Lombroso, italiano; Joseph Banks Rhine, estadunidense; Albert de Rochas, francês; Alfred Russel Wallace, britânico; Johann Karl Friedrich Zöllner, alemão; além dos já citados, acerca das mesas girantes, Arthur Conan Doyle, inglês, e Victor Hugo, francês. Citou-se a nacionalidade desses pesquisadores para ressaltar que o estudo dos eventos espíritas se deu por toda a Europa e EUA, na época.

Os conceitos e princípios espíritas são, segundo essa ótica, decorrentes de rigor científico. Os principais princípios espíritas serão observados mais à frente, destacando-se agora o conceito espírita de mediunidade, pois foi através desta faculdade que o Espiritismo pode ser elaborado e reivindicar-se ser uma revelação. Mediunidade seria uma capacidade humana que se desenvolve mais em alguns indivíduos do que em outros. Um médium tem a capacidade de entrar em contato com consciências que estão no plano espiritual e transmitir o pensamento destas. Allan Kardec define médium ao explicar o movimento de objetos, mas, por ser uma definição de caráter geral, pode-se aplica-lo a toda e qualquer forma de influência dos Espíritos no mundo material e que tenha a participação de um encarnado.

A cesta ou a prancheta não podem ser postas em movimento senão sob a influência de certas pessoas, dotadas para isso de um poder especial e que se designam pelo nome de *médiuns*, ou seja, intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que produzem este poder estão ligadas a causas ao mesmo tempo físicas e espirituais ainda imperfeitamente conhecidas, porquanto se encontram médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Essa faculdade, entretanto, se desenvolve pelo exercício. (grifo do original) (KARDEC, 2010, p. 30)

Acrescenta-se a esta definição algo que será dito em outras oportunidades pelo Espiritismo, que médiuns se encontram em todas as sociedades humanas ao longo da história, pois é faculdade humana. Logo, pode-se admitir que revelações e teologias humanas podem ter em suas bases a comunicação direta com Espíritos.

2.1.1 A Mediunidade que Possibilitava o Fenômeno das Mesas Girantes

Além dos já citados Arthur Conan Doyle e Victor Hugo, que testemunharam e escreveram sobre o fato, os eventos mediúnicos da época de Kardec foram presenciados por muitas pessoas que teriam condições de atestar a autenticidade. Destaca-se a participação daqueles que poderiam reproduzir os eventos, de forma a mostrar que seriam fraude, esses eram os chamados prestidigitadores, mágicos e ilusionistas.

Para verificar que na época, e por longo tempo depois, se estudava a mediunidade por todos os lugares, observe-se um pesquisador espírita brasileiro,

Carlos Imbassahy, que em seu livro *O Espiritismo à Luz dos Fatos*, relata a participação de vários mágicos em reuniões mediúnicas ou em encontros pessoais com médiuns:

Prestidigitadores outros, menos obstinados, ou de maior boa-fé, para logo se convenceram da autenticidade dos fenômenos espíritas, ao estudá-los de perto.

É grande a cópia de exemplos. A história do Psiquismo está cheia de impressionantes relatos a respeito. Esses homens, habituados por longo estudo, a todos os artifícios do ilusionismo, havendo muito deles, até, apresentado trabalhos de valor sobre a matéria, renderam-se à evidência. (IMBASSAHY, 1989, p. 53).

Os argumentos oferecidos pelo autor para se admitir o testemunho desses mágicos são convincentes, pois é crível que aquele que se dedica a estudar ilusionismo e praticá-lo, não raro de maneira profissional, teria condições de levantar uma possível fraude, e, ao testemunhar pela veracidade do fato, confirmaria testemunhalmente.

O referido livro traz, entre outros, relato das experiências que Robert Houdin, célebre ilusionista francês, teria tido com a mediunidade: certa vez, Houdin encontrou-se com o médium Alexis Didier, também francês, que realizou tamanhas façanhas com baralho que fizeram o ilusionista declarar que, ao seu entender, não era possível que fosse ilusionismo ou truque: “Houdin declarou, então, que era impossível colocar tais fatos entre aqueles que faziam objeto de sua arte e de seus trabalhos [...]” (IMBASSAHY, 1989, p 53); e, em visita ao médium Dunglas Home, Houdin afirmou: “Vim dessa sessão assaz maravilhado e persuadido de que é impossível ao acaso ou à habilidade produzirem tão maravilhosos efeitos” (IMBASSAHY, 1989, p 54).

Cita-se essas passagens a título de exemplo. Não é intenção aqui aprofundar a discussão científica acerca das pesquisas sobre a mediunidade, mas apenas expor que existiu muito mais pesquisa do que, em geral, supõe-se e para evidenciar que a possibilidade dos princípios espíritas não decorrem de eventos que ficaram restritos à doutrina. Possível admissão dos princípios espíritas poderiam lançar nova visão sobre fatos e pesquisas que envolvem explicações que escapam à cientificidade mais tradicional, que não admite esses princípios.

Eventos e pesquisas espiritualistas, ou parasíquicas, foram possíveis em função da existência de uma faculdade que permite o contato com um outro plano de existência. Em se admitindo a mediunidade, admite que existe outros planos de existência, portanto; e, daí, pode-se derivar conceitos e princípios outros. Os princípios espíritas derivam de conceitos que o Espiritismo chegou através de observações dos fenômenos espirituais, de forma que seguiu um percurso parecido com a IEE, que diz que o conceito de Espírito Absoluto deriva de razões e conceitos que vão acompanhando a auto exposição do Absoluto, como se verá adiante.

2.1.2 Continuidade das Pesquisas Espíritas

Por tratar-se de uma ciência, pelo menos em sentido amplo, o Espiritismo deveria dar bases para a continuação de pesquisas de mesma natureza, de maneira a evidenciar que um novo ramo de conhecimento existe. E, realmente, isso se deu. Citar algumas pesquisas que sucederam as de Kardec pode mostrar que a cientificidade que ele pretendeu dar ao Espiritismo criou um caminho seguro para se pesquisar sobre eventos do tipo espírita e como as teses espíritas influenciam a realidade. Mesmo se os pesquisadores subsequentes não adotarem totalmente o Espiritismo mas chegarem aos mesmos resultados que Kardec estabeleceu na Codificação Espírita, mesmo partindo de outros paradigmas, a acuidade do Espiritismo fica mais evidenciada, conferindo-lhe caráter científico.

Entre vários pesquisadores, acadêmicos ou não, que estudaram os eventos espíritas após o advento do Espiritismo, incluindo a Sociedade de Pesquisa Psíquica, de Londres, que teve como presidente o filósofo Henri Bergson, destaca-se aqui alguns brasileiros. O médico Adolfo Menezes de Bezerra publicou, entre outros, um livro em que estuda a interferência de espíritos nos casos de loucura, *A Loucura Sob novo Prisma*, já antes de 1900. As pesquisas sobre as faculdades do médium Francisco Cândido Xavier, conhecido como Chico Xavier, renderam muitos estudos, citando-se apenas uma obra na qual o autor, Carlos Augusto Perandréa, então professor da Universidade Estadual de Londrina, analisa psicografias de Chico Xavier e conclui que a grafia era a mesma do espírito quando encarnado, na obra: *A Psicografia À Luz da Grafoscopia*. O médico e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Paulo Cesar Fructuoso, em seu livro, *A Face Oculta da Medicina*,

estuda casos de cirurgia espiritual (que envolvem espíritos atuando como médicos através de médiuns), que envolvem materialização e desmaterialização de objetos e material orgânico, como partes de órgãos. Hernani Guimarães Andrade, analisa, na obra *Psi Quântico*, conceitos da física para propor sua teoria de como funcionaria a física em outros planos de existência. Clóvis Souza Nunes, em seu livro *Transcomunicação*, analisa a possibilidade de Espíritos comunicarem-se através de aparelhos de rádio e televisão. E, por fim, Lamartine Palhano Júnior, estuda a possibilidade de médiuns observarem o passado e o futuro, em sua obra *Viagens Psíquicas no Tempo*.

2.2 Aspecto Filosófico do Espiritismo

Por desenvolver um sistema de investigação e buscar a compreensão da realidade, o Espiritismo pode ser considerado uma filosofia. As perguntas que fazem parte de *O Livro dos Espíritos*, em grande parte, são de profundidade racional e filosófica. Durante a elaboração da obra, Kardec buscou se afastar de dogmatismos, de maneira que quando uma resposta dos Espíritos a sua pergunta significava uma afirmação dogmática, Kardec questionava novamente para conseguir o máximo de compreensão racional, somente aceitando a afirmativa quando não fosse possível o aprofundamento.

A filosofia espírita decorre mais dos princípios espíritas, no sentido de se poder olhar a realidade a partir de princípios e leis espirituais, do que de um sistema propriamente filosófico contido em *O Livro dos Espíritos*. Nas palavras de José Herculano Pires, tradutor de Kardec: “Em terceiro lugar, o livro não se destinava a formar escola filosófica, a conquistar os meios especializados, mas apenas a divulgar os princípios da doutrina [...]” (KARDEC, 2007, p.14). E o mesmo tradutor ressalta que a intenção de Kardec com *O Livro dos Espíritos* era: “Como se vê, ‘estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos prejuízos do espírito de sistema’ e não criar uma nova escola filosófica [...]” (KARDEC, 2007, p.14).

Entretanto, considera-se aqui que Kardec acaba por elencar conceitos que podem ser considerados como uma parte da exposição do Absoluto, de acordo com

a Interpretação Espiritual Especulativa, como se verá. Nesse sentido, o Espiritismo pode ser considerado uma filosofia que trata do Absoluto. Estabelecer conceitos e expor a auto exposição do Absoluto é um dos principais objetivos da Filosofia, segundo a visão da IEE, como se verá. Se os conceitos trazidos pelo Espiritismo forem considerados mais verdadeiros que os anteriores, como, por exemplo, o seu conceito de reencarnação, que é mais elaborado do que as considerações anteriores a esse respeito, significa que outra filosofia que venha a investigar uma tal possibilidade deveria levar em conta a reencarnação, pelo menos ao tratar da relação, ao longo do tempo, da consciência singular com a Razão (consciência absoluta).

2.2.1 Princípios e Conceitos Espíritas

Quanto aos princípios e conceitos, na introdução de *O Livro dos Espíritos*, na Seção VI, *Resumo da Doutrina dos Espíritos*, Kardec (2007, p. 32-35) elenca, em 32 parágrafos, o resumo da doutrina espírita. Essas 32 teses são comumente resumidas a 5 teses principais, que serão chamados de *Princípios Espíritas*, sem grande prejuízo do conteúdo e sem grande prejuízo à exposição da totalidade da doutrina. Dito de outro modo, os Princípios Espíritas principais trazem em si o que a doutrina efetivamente trata e os outros princípios seriam um desdobramento desses. Não se pôde definir a origem dessa redução de 32 a 5, apesar de uso corrente no meio espírita; tal redução será adotada aqui, e justificada, para facilitar a exposição.

São estes os 5 Princípios Espíritas: *Existência de Deus, Existência e imortalidade do Espírito, Reencarnação ou pluralidade das existências, Pluralidade dos mundos habitados e Comunicabilidade entre espíritos encarnados e desencarnados*. Esses princípios serão analisados detalhadamente mais adiante. As 32 teses elencadas por Kardec (2007, p. 32-35), e numeradas aqui (portanto pode variar segundo a edição e tradução de *O Livro dos Espíritos*), que deram origem aos cinco princípios são:

1. Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo poderoso, soberanamente justo e bom.
2. Criou o Universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

3. Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal e os seres imateriais o mundo invisível ou espírita, ou seja, dos Espíritos.

4. O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.

5. O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita.

6. Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível e sua destruição pela morte os devolve à liberdade.

7. Entre as diferentes espécies de seres corporais. Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a um certo grau de desenvolvimento, o que lhe dá superioridade moral e intelectual ante as demais.

8. A alma é um espírito encarnado, e o corpo apenas o seu invólucro.

9. Há no homem três coisas: 1.º) O corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2.º) A alma ou ser imaterial, espírito encarnado no corpo; 3.º) O laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

10. O homem tem assim duas naturezas: pelo corpo participa da natureza dos animais, dos quais possui os instintos; pela alma participa da natureza dos Espíritos.

11. O liame ou perispírito que une corpo e Espírito é uma espécie de invólucro semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no seu estado normal, mas que ele pode tornar acidentalmente visível e mesmo tangível, como se verifica nos fenômenos de aparição.

12. O Espírito não é, portanto, um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber. É um ser real, definido, que em certos casos pode ser apreendido pelos nossos sentidos da vista, da audição e do tato.

13. Os Espíritos pertencem a diferentes classes, não sendo iguais em poder nem em inteligência, saber ou moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos Superiores que se distinguem pela perfeição, pelos conhecimentos e pela proximidade de Deus, pela pureza dos sentimentos e o amor do bem: são os anjos ou Espíritos puros. As demais classes se distanciam mais e mais desta perfeição. Os das classes inferiores são inclinados às nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc. e se comprazem no mal. Nesse número há os que não são nem muito bons, nem muito maus; antes, perturbadores e intrigantes do

que maus; a malícia e a inconsequência parecem ser as suas características: são os Espíritos estouvados ou levianos.

14. Os Espíritos não pertencem eternamente à mesma ordem. Todos melhoram, passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esse melhoramento se verifica pela encarnação, que a une é imposta como uma expiação, a outros como missão. A vida material é uma prova a que devem submeter-se repetidas vezes até atingirem a perfeição absoluta; é uma espécie de peneira ou depurador de que eles saem mais ou menos purificados.

15. Deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de que havia saído para reiniciar uma nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo durante o qual permanecera no estado de espírito errante.

16. Devendo o Espírito passar por muitas encarnações, conclui-se que todos nós tivemos muitas existências e que teremos outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja na Terra ou em outros mundos.

17. A encarnação dos Espíritos ocorre sempre na espécie humana. Seria um erro acreditar que a alma ou espírito pudesse encarnar num corpo de animal.

18. As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas, mas a rapidez do progresso depende dos esforços que fazemos para chegar à perfeição.

19. As qualidades da alma são as do Espírito encarnado. Assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem perverso a de um Espírito impuro.

20. A alma tinha a sua individualidade antes da encarnação e a conserva após a separação do corpo.

21. No seu regresso ao mundo dos Espíritos a alma reencontra todos os que conheceu na Terra e todas as suas existências anteriores se delineiam na sua memória, com a recordação de todo o bem e todo o mal que tenha feito.

22. O Espírito encarnado está sob a influência da matéria. O homem que supera essa influência, pela elevação e purificação de sua alma, aproxima-se dos bons Espíritos com os quais estará um dia. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros aproxima-se dos Espíritos impuros, dando preponderância à natureza animal. Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo.

23. Os Espíritos não-encarnados ou errantes não ocupam nenhuma região determinada ou circunscrita; estão por toda parte, no

espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos sem cessar. É toda uma população invisível que se agita ao nosso redor.

24. Os Espíritos exercem sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das forças da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até agora inexplicados ou mal explicados, que não encontram solução racional.

25. As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos convidam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação; os maus nos convidam ao mal: é para eles um prazer ver-nos sucumbir e cair no seu estado.

26. As comunicações ocultas verificam-se pela influência boa ou má que eles exercem sobre nós sem o sabermos, cabendo ao nosso julgamento discernir as más e boas inspirações. As comunicações ostensivas realizam-se por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, na maioria das vezes através dos médiuns que lhes servem de instrumento.

27. Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou pela evocação. Podemos evocar todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros e os dos personagens mais ilustres, qualquer que seja a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, de nossos amigos ou inimigos e deles obter, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se acham no espaço, seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes seja permitido fazer-nos.

28. Os Espíritos são atraídos na razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores gostam das reuniões sérias em que predominem o amor do bem e o desejo sincero de instrução e de melhoria. Sua presença afasta os Espíritos inferiores, que encontram, ao contrário, livre acesso e podem agir com inteira liberdade entre as pessoas frívolas ou guiadas apenas pela curiosidade e por toda parte onde encontrem maus instintos. Longe de obtermos bons conselhos e informações úteis desses Espíritos, nada mais devemos esperar do que futilidades, mentiras, brincadeiras de mau gosto ou mistificações, pois frequentemente se servem de nomes veneráveis para melhor nos induzirem ao erro.

29. Distinguir os bons e os maus Espíritos é extremamente fácil. A linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, cheia da mais alta moralidade, livre de qualquer paixão inferior, seus conselhos revelam a mais pura sabedoria e têm sempre por alvo o nosso progresso e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, quase banal e mesmo grosseira; se dizem às vezes coisas boas e verdadeiras, dizem com mais frequência falsidades

e absurdos, por malícia ou por ignorância; zombam da credulidade e divertem-se à custa dos que os interrogam, lisonjeando lhes a vaidade e embalando lhes os desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na perfeita acepção do termo, não se verificam senão nos centros sérios, cujos membros estão unidos por uma ínfima comunhão de pensamentos dirigidos para o bem.

30. A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: “Fazer aos outros o que desejamos que os outros nos façam”, ou seja, fazer o bem e não o mal. O homem encontra nesse princípio a regra universal de conduta, mesmo para as menores ações.

31. Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria: que o homem que, desde este mundo, se liberta da matéria pelo desprezo das futilidades mundanas e o cultivo do amor ao próximo, aproxima-se da natureza espiritual; que cada um de nós deve tornar-se útil segundo as faculdades e os meios que Deus nos colocou nas mãos para nos provar; que o Forte e o Poderoso devem apoio e proteção ao Fraco, porque aquele que abusa da sua força e do seu poder para oprimir o seu semelhante viola a lei de Deus. Eles ensinam, enfim, que no mundo dos Espíritos nada pode estar escondido: o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas reveladas; a presença inevitável e incessante daqueles que prejudicamos é um dos castigos que nos estão reservados; ao estado de inferioridade e de superioridade dos Espíritos correspondem penas e alegrias que nos são desconhecidas na Terra.

32. Mas eles nos ensinam também que não há faltas irremissíveis, que não possam ser apagadas pela expiação. O homem encontra o meio necessário nas diferentes existências, que lhe permitem avançar, segundo o seu desejo e os seus esforços, na via do progresso, em direção à perfeição que é o seu objetivo final.(KARDEC, 2007, pp 32-35)

Transcreveu-se essas 32 teses, que são o resumo feito pelo Codificador da Doutrina Espírita, para que se tenha a noção do que seria o espiritismo na concepção de seu autor, como também para se mostrar o resumo aos 5 Princípios Espíritos.

O princípio de que *Há Deus*, ou da existência de Deus decorre das duas primeiras teses. Todas as outras teses decorrem destas, pois tudo decorreria de Deus, que teria criado tudo segundo a sua vontade. Apesar de ser meramente enunciado no resumo da introdução, o raciocínio para a admissão deste princípio decorre das perguntas e observações contidas no primeiro capítulo da primeira parte de *O Livro dos Espíritos*, intitulado *As Causas Primárias*. O referido capítulo trata, ainda, dos

atributos de Deus e reflete sobre o panteísmo, além de se poder observar a opção de Kardec de começar a sua exposição pelo conceito maior do qual todos os outros decorreriam. De maneira resumida, assume-se que há Deus pelo princípio da causalidade e por haver um sentimento íntimo que indicaria a existência de Deus, o que faria com que todo agrupamento social desenvolvesse algum tipo de religiosidade, mesmo sociedades que não tivessem contato entre si, provando que que não seria meramente um produto cultural, mas que o desenvolvimento cultural religioso fosse efeito daquele sentimento íntimo da existência de algo maior.

O princípio de *Existência e imortalidade do Espírito* pode ser observado pelas Teses 3 a 13, principalmente, e pela Tese 20. Segundo a concepção espírita, pode-se dizer que a consciência singular, ou Espírito, é independente da vida orgânica do corpo, ou seja, não é efeito do funcionamento orgânico do corpo, na verdade, a vida orgânica do corpo humano dependeria da ligação de uma consciência, ou Espírito, de maneira que a organização celular e orgânica seria mantida por essa consciência. Deus teria criado as consciências singulares, ou Espíritos, que não pereceriam nem perderiam a individualidade, de maneira que haveria um início para esses Espíritos mas não haveria fim. A imortalidade e a permanência da individualidade seria consequência do atributo de bondade de Deus, pois, uma vez criado o Espírito, não haveria razão para levá-lo ao perecimento ou a perda de sua individualidade, que segundo o Espiritismo, equivaleria ao perecimento.

As Teses 14 a 22 permitem ao Espiritismo afirmar o princípio da *Reencarnação*. Essas referidas teses explicam a finalidade da reencarnação, que estaria em função do progresso moral da consciência singular, ou Espírito, de maneira que a reencarnação seria uma maneira do Espírito progredir moralmente. Ressalta-se que segundo essas teses, para o Espiritismo, não haveria a possibilidade de uma consciência singular que encarnou como ser humano reencarnar como animal, o que viria ao encontro do que se admite nesta dissertação quanto a apreensão progressiva de conceitos pela consciência singular, de modo que ao se apreender um conceito não seria possível desaprende-lo, dessa forma, pode-se dizer figurativamente que uma consciência singular *humana* não poderia reencarnar como animal porque sua *alma* não *caberia* em um organismo que não fosse capaz de oferecer os meios de exercício dos conceitos apreendidos, mormente a capacidade de se reconhecer uma autoconsciência, como se verá mais adiante.

As Teses 16 a 22 evidenciam o princípio da *Pluralidade dos mundos habitados*. Como pode ser observado na Tese 16, este princípio decorre do princípio da reencarnação. Os mundos teriam o objetivo de receberem a encarnação de Espíritos, que dariam andamento ao seu processo evolutivo. Se se levar em conta que, pela Tese 4, o mundo espiritual é o verdadeiro, é possível dizer que a existência dos planetas e até de estrelas estaria em função da evolução moral do Espírito. Tal possibilidade não será abordada neste trabalho, mas não é contraditório com suas conclusões.

Por fim, as Teses 24 a 28 trazem o princípio da *Comunicabilidade entre espíritos*. Esta tese seria a consequência das anteriores, é a que daria respaldo para Kardec afirmar que a codificação espírita é obra dos Espíritos e não sua, e colocaria os mundos espiritual e material em comunhão através do pensamento, ou seja, não há solução de continuidade entre as dimensões, mas elas se conectam pelo pensamento. Dessa maneira, há um elemento comum que seria o pensamento. A possibilidade desta tese é muito interessante, pois se poderia admitir a comunicação com filósofos que já desencarnaram, como aliás pode ter acontecido na codificação espírita, pois entre os Espíritos que assinaram os *Prolegômenos de O Livro dos Espíritos* estavam Santo Agostinho, Sócrates e Platão.

Outros princípios e conceitos poderiam ser derivados do resumo apresentado, além do que, as teses se relacionam e os princípios escolhidos podem ser verificados por outras teses que não as escolhidas, de maneira que a indicação se fez pelas teses mais assertivas.

É possível compreender, através de uma interpretação hegeliana, que os conceitos derivam uns dos outros, e é assim que se dá na exposição lógico-conceitual de *O Livro dos Espíritos*, pois Allan Kardec, pedagogo que era, buscou encadear logicamente a exposição do conteúdo do livro partindo dos conceitos mais englobantes que os subsequentes. Por isso, Kardec começa, já na primeira questão que faz aos Espíritos, sobre Deus, coisa que Hegel prefere tratar ao fim da sua exposição enciclopédica. Entende-se que Hegel optou por fazer isso para evidenciar a auto-exposição pela visão do espírito singular, ou consciência singular, indo da parte ao Todo, enquanto Kardec optou por uma explanação que explica o Todo para esmiuçar a parte.

3 A INTERPRETAÇÃO ESPIRITUAL ESPECULATIVA

A Interpretação Espiritual Especulativa (IEE) é um método interpretativo com bases na filosofia hegeliana que visa investigar a realidade. Nas palavras de Tassinari (2013, p.276, e 2015, p. 882), no texto *O Sistema das Autoconsciências: da Epistemologia Genética a um Idealismo Especulativo*, o objetivo da IEE é:

Mais exatamente, proponho aqui um projeto geral de pesquisa (que o presente trabalho apenas anuncia) que objetiva usar conceitos e argumentos inspirados na Filosofia Especulativa Hegeliana (ou a ela relacionados) para compreender o sistema dos comportamentos humanos, principalmente na medida em que uma das características principais de seus elementos é a possibilidade de eles pensarem tal sistema e a si próprios por meio de um pensar que, por um lado, pensa a si próprio e se estabelece a si próprio, e, por outro lado, realiza a diversidade de sistemas filosóficos, pelos quais eles se pensam.

A IEE, portanto, parte dos conceitos hegelianos para investigar, principalmente, o que é o homem, mas não só. Visa investigar o que é a verdade, ou, dito de outro modo, expor o próprio Absoluto, ou, melhor dizendo, expor os conceitos pelo qual o absoluto se auto expõe.

A IEE entende que as várias possíveis interpretações da realidade trazem um ponto de vista que a esclarece, de tal forma que todo resultado de uma filosofia que busca a verdade contribui com a elucidação da verdade. Isso vale no tocante às interpretações da filosofia hegeliana inclusive, de maneira que a IEE entende que as várias interpretações que se fazem do pensamento hegeliano trazem um ponto do que é verdadeiramente tal pensamento.

Porém, há que se ter um ponto convergente, uma verdade ou realidade que é maior que todas, no sentido de poder explicar as demais. Um ponto que permite que todos os outros se desenvolvam rumo a ele pois derivam dele. Como se trata de desenvolvimentos de conceitos, deve-se ter um conceito englobante de todos, e tal conceito é o conceito de Absoluto. Porém, há que se ter um ponto convergente, uma verdade ou realidade que é maior que todas, no sentido de poder explicar todas as

demaís. Um ponto que permite que todos os outros se desenvolvam rumo a ele pois se originam (lógico-ontologicamente) dele. Como se trata de desenvolvimentos de conceitos, considera-se um conceito englobante de todos, e tal conceito é o conceito de Absoluto. Nas palavras de Tassinari (2020b, p. 355):

Mais exatamente, na interpretação aqui proposta, supõe-se que, na exposição filosófico-científica dialético-especulativa da *Enciclopédia*, o objeto da Filosofia/Ciência é inicialmente designada por Hegel (HEGEL, 1969/8, § 85, p. 181) de *Absoluto* ou *Deus* e, no decorrer da exposição, vai recebendo diversas determinações que cada vez mais aprofundam e explicitam a significação do Absoluto/Deus [...]

O fato de ter que existir um conceito absoluto é necessário ao desenvolvimento da própria filosofia hegeliana, pois se se entender a filosofia hegeliana como uma dialética sem fim, procurando algo para contrapor aos resultados alcançados, inclusive à conclusão de Hegel na exposição enciclopédica do sistema, recai-se no que Hegel chamou de má-infinitude. Não haveria, portanto, a resolução da questão e o problema se estenderia para sempre. Nas palavras de Hegel:

c) De fato, o que está presente [na *má* ou *negativa infinitude*] é que Algo se torna Outro; e que o Outro, em geral, se torna Outro. Algo, na relação com um outro, já é ele mesmo um Outro para com esse Outro; por conseguinte, como aquilo, para o que passa, é exatamente o mesmo que aquilo que passa, os dois não têm outra determinação a não ser uma só e a mesma determinação: a de um *Outro*; e assim Algo, em seu passar, para Outro, só vem a juntar-se *consigo mesmo*; e essa relação para consigo mesmo, no passar e no Outro, é a *verdadeira infinitude*. Ou, considerado negativamente: o que é alterado é o *Outro*; ele se torna o *Outro* do *Outro*. Desse modo, o ser é restaurado, mas como negação da negação; e é o *ser-para-si* [destaques de Hegel]. (§95, apud TASSINARI, 2020, p. 259)

Nesse sentido, o Absoluto seria o conceito englobante de todos os demais e que se mantém desde o início, sendo determinado, a partir do §95 da *Enciclopédia*, como a verdadeira infinitude e o ser-para-si. A maneira pela qual a IEE chega à conclusão desse conceito de absoluto é pelo desenvolvimento dos próprios conceitos hegelianos. De modo que a IEE entende que a exposição feita por Hegel na *Enciclopédia* é a própria exposição do Absoluto, tal como o próprio Hegel entendia, como citado. Dessa forma, tanto a filosofia hegeliana quanto a IEE assumem o

Absoluto como o conceito principal e não estão sujeitas à crítica de fazerem autonegações. Em qualquer momento que se encontre, na exposição da Filosofia, de um conceito, tem-se, na verdade, o desdobramento de um conceito maior, o Absoluto, de maneira que quem se propõe a pensar ou compreender o pensamento em si se depara com a exposição do Absoluto; exposição que se torna auto exposição, pois ele se expõe para uma parte dele mesmo, que é essa parte que busca pensar o todo.

Dito de outra forma, se tudo está no Todo e é a expressão do Todo, se tudo está no conceito maior, se o Todo é o Absoluto, o indivíduo, ou consciência singular, é uma parte deste todo, é uma parte do Absoluto, e o compreende através de suas partes rumo a compreensão dele próprio. O indivíduo pensa pelos conceitos que existem no Absoluto, pois tais conceitos não teriam outro lugar para existir, a não ser no Todo. Mais ainda, sendo o *conceito maior*, cuja determinação mais aprofundada e concreta é o Espírito Absoluto, ele é um sistema de conceitos e suas relações, de forma que compreender esse conceito maior é compreender esse sistema. Ou seja, a consciência singular, ao pensar o Absoluto, pensa o Absoluto pensando ele mesmo, expresso à consciência singular de seus próprios conceitos.

A filosofia hegeliana é complexa e apresenta vastíssima possibilidade de interpretações. A IEE apresenta-se como um método que oferece uma superação das várias interpretações da filosofia hegeliana e conseqüentemente um método de exposição da própria Verdade. Um de seus escopos, portanto, é oferecer um meio para que as várias maneiras de se interpretar o Absoluto tenham a possibilidade de serem complementadas.

3.1 O Principal Pensamento de Hegel para a IEE

Por se tratar de tema extenso, opta-se, aqui, por expor somente o aspecto principal do pensamento de Hegel para a IEE, que é a forma como o Pensar, ao pensar a si mesmo, apreende os conceitos e concebe-se ser o Absoluto.

A filosofia hegeliana se destaca por explicar o conhecimento através do próprio pensamento, que é atividade do espírito. Hegel estava imerso no contexto da modernidade que, em especial, discutia as bases do conhecimento. O sistema hegeliano vem depois da filosofia kantiana e, em boa medida, dialoga com ela,

assumindo os certos aspectos que considerava corretos e complementando os pontos que estariam equivocados. Os adendos 1 e 2 ao § 41 exemplificam esse diálogo:

Adendo 1: [...] O pensar da velha metafísica não era um livre pensar, porque admitia suas determinações sem mais, como algo preexistente, como um “a priori” que a reflexão não tinha, ela mesma, examinado. A filosofia crítica, ao contrário, assumiu por tarefa examinar em que medida, de modo geral, as formas do pensar são capazes de proporcionar o conhecimento da verdade. Mais precisamente, seria preciso examinar a faculdade-de-conhecimento antes do [ato de] conhecer. Ora, nisso há de correto que as próprias formas do pensar devem ser tomadas como objeto do conhecimento; só que logo se insinua, também, o equívoco que consiste em querer conhecer já antes do conhecimento, ou em não querer entrar n’água antes de ter aprendido a nadar. [...] (HEGEL, vol I, 1995, p. 108)

Adendo 2: O exame kantiano das determinações-de-pensamento padece essencialmente do defeito de que elas não são consideradas em si e para si, mas só sob este enfoque: se são *subjetivas* ou *objetivas*. [...]. Compreende-se, a partir dessas passagens, um pouco do contexto filosófico da época, que era de questionamento epistemológicos; e que Hegel entendia que sua filosofia complementaria e superaria as limitações da filosofia de Kant. Para Hegel, portanto, a base do conhecimento era o pensar e o pensamento, como pode-se observar no adendo 2 do § 19(I: 68): (HEGEL, vol. I, 1995, p. 109)

Compreende-se, a partir dessas passagens, um pouco do contexto filosófico da época, que era de questionamento epistemológicos; e que Hegel entendia que sua filosofia complementaria e superaria as limitações da filosofia de Kant. Para Hegel, portanto, a base do conhecimento era o pensar e o pensamento, como se pode observar no adendo 2 do § 19:

Adendo 2: [...] Esse conteúdo – o próprio Deus – é somente em sua verdade no pensar e como pensar. Nesse sentido, o pensamento não é *apenas* pensamento, mas antes é a maneira mais alta e, considerando com rigor, a única maneira em que pode ser apreendido o eterno e o essente em si e para si. HEGEL, vol. I, 1995, p. 109)

A filosofia hegeliana constitui a maior base da IEE, pois é a partir do pensamento hegeliano que a IEE se estrutura. A própria nomenclatura escolhida indica a sua inspiração hegeliana, o termo *Espiritual* refere-se à concepção de espírito que Hegel adota, de forma que é ligada ao próprio pensamento, de maneira que tanto Hegel quanto a IEE entendem que é o pensamento, a Razão, que guia o conhecimento; o termo *Especulativa*, por sua vez, remete tanto uma reflexão sobre si

próprio, quanto a um olhar de cima, é o próprio pensamento refletindo sobre si mesmo, ao mesmo tempo que depois contempla esse próprio processo como se fosse “de cima”.

A característica mais marcante da filosofia hegeliana, para a IEE, portanto, é exatamente a inovação lógico-metafísica que Hegel introduziu, que foi colocar o pensamento no centro da reflexão filosófica, de maneira que é o próprio pensamento que diz acerca do pensamento, é ao próprio conhecimento que conhece. Não há, sob essa visão, limites ao que pode ser conhecido e se poderia ter acesso ao Todo, através de um processo de conhecimento à medida que o pensamento vai se desdobrando sobre si e em si mesmo e adentrando ao conhecimento mais profundo de si mesmo. Tal processo é a apreensão dos conceitos para a compreensão cada vez melhor do Todo Absoluto.

3.1.1 Hegel e uma Filosofia baseada em Conceitos

Hegel expôs as linhas gerais de seu pensamento na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (1830). Nesta obra, Hegel demonstra a evolução dos conceitos, desde o ser até o Espírito Absoluto. Na verdade, o começo de tal desenvolvimento se dá do confronto entre ser e nada e finaliza com a concepção de Ideia da Filosofia e Espírito Absoluto. Em uma perspectiva inversa, ou seja, observando-se desde o Espírito Absoluto até o ser, percebe-se claramente as divisões que este realizou, desdobrando-se para mostrar sua realidade a partir do ser. A temporalidade, dessa maneira, não precederia o conceito, pois todos os conceitos já estariam efetivados e completos no Absoluto, há temporalidade só do ponto de vista da consciência singular que apreende os conceitos, e, pelo fato da apreensão dos conceitos ter que se dar por conceitos, infere-se que o conceito, na verdade, deve preceder a temporalidade.

A filosofia hegeliana, portanto, é estruturada em um sistema de conceitos. Conceito, para Hegel, é a coisa mesma, é o conhecimento total da coisa, pois o conceito é a verdade, e Hegel indica que é a verdade do ser e da essência, como se pode ver no comentário ao § 159:

[...] O conceito é determinado em relação ao ser e à essência de modo que é a *essência que retornou ao ser* enquanto *immediatez* simples;

essência cujo aparecer tem, por isso, efetividade; e cuja efetividade é ao mesmo tempo *livre aparecer dentro de si mesma*. De tal maneira, o conceito tem o ser dentro de si mesmo como sua relação simples para consigo mesmo, ou como a imediatez de sua unidade: Ser é uma determinação tão pobre que é o mínimo que se pode mostrar ao conceito. (HEGEL, vol. I, 1995, p. 289)

O conceito é uma totalidade das determinações que o precederam. Indica a concepção máxima sobre determinado ponto de conhecimento. É a totalidade, inclusive, de seus momentos, que é a temporalidade observável do ponto de vista da consciência singular. O § 160, diz sobre a totalidade do conceito:

O conceito é o [que é] *livre*, enquanto *potência substancial essente para si*, e é *totalidade*, enquanto cada um dos momentos é o todo que *ele* [mesmo] é, e é posto com ele como unidade inseparável; assim, na sua identidade consigo, o conceito é o *determinado em si e para si*. (HEGEL, vol. I, 1995, p. 292)

Dessas passagens e das citações acima em que Hegel critica a filosofia kantiana por não tratar adequadamente do *em si* e do *para si*, pode-se perceber que uma filosofia cuja substância é o conceito supera a filosofia kantiana, pois “o conceito é o *determinado em si e para si*”.

Nesse sentido, a exposição do absoluto se faz (e deve se fazer) por conceitos e pelo conceito, como diz o § 161:

O progredir do conceito não é mais [o] ultrapassar nem [o] aparecer em Outro, mas é *desenvolvimento*, enquanto o diferenciado é imediatamente posto ao mesmo tempo como idêntico, um com o outro e com o todo; [e] a determinidade como um livre ser do conceito completo. (HEGEL, vol. I, 1995, p. 293)

O desenvolvimento do conceito se dá por meio dos juízos, (especialmente como “divisão originária”, cf. § 166, 301), e chega à ideia. Ideia, segundo o § 213, é:

A ideia é o verdadeiro *em si e para si*, a *unidade absoluta do conceito e da objetividade*. Seu conteúdo ideal não é outro que o conceito em suas determinações, seu conteúdo real é somente a exposição do conceito, que ele se dá na forma de um ser-aí exterior; e estando essa figura excluída na identidade do conceito, na sua potência, assim se conserva na ideia. (HEGEL, vol. I, 1995, p. 384)

3.1.2 Conceitos de Religião e Espírito Absoluto

A religião deve conter conceitos que levem a compreender o Espírito Absoluto, ainda que não de maneira completa. Hegel trata atenciosamente da *religião verdadeira* em sua exposição enciclopédica, como pode ser visto no §564 da *Enciclopédia*:

Está implicado essencialmente no conceito de religião verdadeira, isto é, da religião cujo conteúdo é o espírito absoluto, que ela seja *revelada*, e em verdade revelada *por Deus*. Com efeito, sendo o saber o princípio pelo qual a substância é espírito, enquanto a forma infinita essente para si é o *autodeterminante*, o saber é pura e simplesmente [o] *manifestar*. O espírito só é espírito na medida em que é *para* o espírito; e na religião absoluta é o espírito absoluto que manifesta, não mais seus momentos abstratos. (HEGEL, vol. III, 1995, p. 346)

Na religião que Hegel chamou de “verdadeira [*wahrhaften*]”, é o Espírito Absoluto que se manifesta. Logo, a religião que se proponha ser a religião verdadeira deve ter como conteúdo o Espírito Absoluto. Propor uma filosofia neohegeliana atual da religião é buscar que se possa ter uma relação com a divindade de maneira mais racional, buscando entender a auto exposição do Espírito Absoluto.

Logo no primeiro parágrafo da *Enciclopédia*, Hegel trata da religião ao afirmar que a religião em geral e a filosofia têm o mesmo objeto, que é a verdade, além de diferenciar as duas:

A filosofia não tem a vantagem, de que gozam outras ciências, de poder *pressupor* seus *objetos* como imediatamente dados pela representação; e também como já admitido o *método* do conhecer – para começar e para ir adiante. Em primeiro lugar, a filosofia tem, de fato, seus objetos em comum com a religião. As duas têm a *verdade* por seu objeto, decerto no sentido mais alto: no sentido de que *Deus* é a verdade, e só ele é a verdade. Além disso, ambas tratam do âmbito do finito, da *natureza* e do *espírito humano*; de sua relação recíproca, e de sua relação com Deus, enquanto sua verdade. Por isso a filosofia bem pode, e mesmo *deve*, pressupor uma *familiaridade* com seus objetos, como aliás um interesse por eles; já pelo motivo de que a consciência faz para si no tempo representações dos objetos, antes de (fazer) conceitos deles, o espírito *pensante* só *por meio* do representar e voltando-se *para ele* [é que] avança até o conhecer e o conhecer pensantes.

Mas no considerar pensante logo se constata que isso inclui em si a exigência de mostrar a *necessidade* do seu conteúdo, de *provar* tanto o ser já como as determinações do seu objeto. A familiaridade acima aludida, com objetos, aparece assim como insuficiente; e como inadmissível fazer o legitimar *pressuposições* e *asseverações*. Mas a

dificuldade de instituir um *começo* apresenta-se ao mesmo tempo, porque um começo, como algo *imediato*, faz sua pressuposição; ou melhor, ele mesmo é uma pressuposição. (HEGEL, vol. I, 1995, p. 39)

Transcreveu-se o parágrafo inteiro por se entender que ele mostra muito bem e claramente o interesse de Hegel de fazer uma filosofia que deve se provar de maneira que seja sem pressupostos dados pela representação; e porque mostra a visão de Hegel sobre a religião em geral, o que ele aprofundará com o conceito de “religião verdadeira [*wahrhaften Religion*]”.

A diferença entre religião em geral e religião verdadeira está no tocante ao aprofundamento da explicitação de seu conteúdo, o Espírito Absoluto. Dessa maneira, se se disser que é possível uma religião neohegeliana, deve ater-se ao conceito de religião verdadeira, pois é ela que terá o conteúdo necessário para explicitar o Espírito Absoluto, ainda que não de maneira total.

3.2 A IEE e seus Conceitos Principais

A IEE oferece algumas teses principais, que são explicitações de conceitos hegelianos. Pode-se observar uma síntese de tais teses e seu sistema no texto *Sobre as Interpretações da Filosofia Hegeliana e Suas Superações: A Interpretação Espiritual Especulativa*:

- (1) A Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto é em si, por si e para si.
- (2) A Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto só pode ser compreendida a partir de si própria.
- (3) A Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto tem todos os conceitos e razões gerais que possibilitam sua exposição e são os principais conceitos e razões que são expostos na Enciclopédia.
- (4) Existe uma progressão lógico conceitual na exposição enciclopédica de tais conceitos e razões gerais; ou seja, a progressão da exposição enciclopédica se dá do ponto de vista lógico[-filosófico].
- (5) Para um eu singular que busca compreender a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto, tal reconhecimento dela pode se dar também temporalmente e historicamente (e não apenas logicamente), na medida em que ele vai seguindo temporalmente o próprio encadeamento lógico[-filosófico] dessas razões; porém, na e para a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto, tais conceitos e razões que levam a ela e tal encadeamento já

estão realizados. Embora a progressão se mostre também como uma verdade histórica (na própria História da Filosofia), sua base e sua demonstração são lógic[o-filosófic]as, e não uma generalização por indução de uma história (*Geschichte*) não factual mas interpretada, o que se torna insustentável, pois se comete uma falácia de petição de princípio.

(6) Tais conceitos e razões são, pois, efetivamente os conceitos e as razões pelos quais se conhece a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto e, portanto, são os próprios conceitos e razões pelos quais a própria Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto se reconhece (em si, por si e para si).

(7) Na medida que a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto é o próprio Conhecimento / Saber / Ciência / Filosofia do Todo, a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto se identifica com o Todo, e este com aquela. Aqui, se expressa claramente a concepção de um Idealismo Absoluto hegeliano monista, no qual tudo é Ideia e Espírito, Ideia / Espírito é a absoluta e universal de tudo!

(8) Logo, na Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto se encontram a Natureza e todos os espíritos particulares, todo o âmbito do finito (das *Gebiet des Endlichen*; cf. §1). Inclusive todos os conceitos, razões e forças que a tudo movem. Nesse sentido, a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto atua como o primeiro motor imóvel de Aristóteles, atuação citada por Hegel no final da Enciclopédia de forma completamente inusual, inclusive para seus textos. Em especial, é impressionante como a obra hegeliana, sendo apenas a obra de um professor universitário, que apenas assim o queria ser, mobilizou e mobiliza tantas pessoas, seja na academia seja nos movimentos sociais, atuação que não poderia ser explicada sem que a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto fosse em si, por si e para si e estivesse agindo como primeiro motor imóvel.

(9) Por fim, a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto é Sujeito. Enquanto a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto é compreensão absoluta que contém todos os eus, e seu conteúdo vêm a constituir os conteúdos de todos os eus, tendo seu conteúdo (parcialmente) compreendido pelos eus, a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto é um Eu que é nós e um nós que é Eu; a própria Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto é um Eu que a tudo contém, a tudo rege, autorregula-se e se auto expõe, por isso, é Sujeito.

(10) Por todas razões até aqui expostas (e isso é primordial, pois esta conclusão última resulta delas, e não o contrário, como usualmente e inadvertidamente se pensa, pois se trata aqui de Filosofia, demonstrada cientificamente no sentido hegeliano, e não de religião) certamente, nossa representação da Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto, como aqui exposta, é a de um ser onisciente, onipresente e onipotente, revelado na Religião Cristã. Ou seja, conceitualmente e demonstradamente, na Enciclopédia e, com isso, na Filosofia, a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto é um ser onisciente, onipresente e onipotente. Mas anteriormente a sua apreensão conceitual na Filosofia por Hegel, a sua apreensão se deu de diversas formas, particularmente, no sentimento e na representação na religião e, em especial, na Religião Cristã. (TASSINARI, 2020, p. 254-256.)

Por tratar-se de teses que sintetizam a filosofia da IEE, opta-se por transcrevê-las na íntegra, pela conveniência de entendimento e para referências mais à frente no texto. São teses que podem ser consideradas, também, como expondo características do Espírito Absoluto, pois tudo que se refere a ele acaba por se verificar como sua característica.

3.3 O Espírito Absoluto para a IEE

Elencadas as características do Espírito Absoluto para a IEE, na seção anterior, analisemos um pouco mais detalhadamente sua significação a partir de algumas delas.

A primeira característica elencada entre as principais da IEE indica que o Espírito Absoluto é em si, por si e para si. Isso significa que o Espírito Absoluto é o sistema de todos os conceitos e todos os conceitos se mostram como o desdobramento dele. Porém, os outros conceitos o compõe e, em certo sentido, ele depende deles, pois são partes constitutivas dele, por isso ele não é uma espécie de razão *totalitária*, mas uma razão *humilde*. Desta forma, o Espírito Absoluto representa o ápice de um desenvolvimento lógico-filosófico-conceitual, pois será o conceito máximo que se encontrará. Funciona, portanto, como o primeiro motor imóvel de Aristóteles, como Tassinari comenta na oitava característica.

A segunda característica afirma que o Espírito Absoluto só pode ser compreendido a partir de si próprio. Dessa maneira, não há como entender o que é esse todo que não seja entendendo o todo. Em especial, não há nada que esteja fora do todo que o possa explicar, pois não pode haver nada fora do todo.

A terceira característica expõe que o Espírito Absoluto possui todos os conceitos que possibilitam seu conhecimento, além de mencionar que os principais são expostos na *Enciclopédia*. Ou seja, só se é possível compreender o Espírito Absoluto porque ele possui os elementos para tal, que são os conceitos que o expõe e que são explicitados na exposição. Decorre disso, inclusive, que a própria possibilidade de haver conhecimento se dá em função dos conceitos que embasam o conhecimento e que estão no Todo. Logo, só é possível conhecimento no Todo e do Todo e para o Todo.

Sem a necessidade de aprofundamento de cada elemento de cada característica, é possível afirmar que Espírito Absoluto para a IEE é um ser que se basta por si, no sentido de conter tudo e não existir nada além dele, e oferece as ferramentas para ser conhecido a partir de si mesmo, mesmo porque tais ferramentas não seriam encontradas fora dele.

A auto-exposição do Espírito Absoluto, para a IEE, resultará naturalmente, ante as características expostas, em um conceito que o conceito de Deus das religiões se aproxima, de ser a consciência máxima e que abarca a tudo. E não é um conceito dogmático, mas um conceito a que se chega pela apreensão dos conceitos anteriores, pelo percurso lógico-filosófico de sua auto exposição. O Espírito Absoluto, portanto, é Sujeito, por possuir toda compreensão e todos conceitos, pode-se afirmar que é um Eu que é nós e um nós que é Eu. E apreender que o Espírito Absoluto sempre esteve efetivando e efetivado, e que é ele quem dá substância aos outros conceitos, que só existem em função dele, não é contraditório para a IEE, pois essa filosofia entende que a apreensão dos conceitos se dá do ponto de vista da consciência singular, que se descobre espírito.

3.4 O Conceito de Espírito para a IEE

Para explicitar o conceito de espírito para a IEE, deve-se explicar outros conceitos, pois, naturalmente, o espírito será formado, ou apreendido, através de outros conceitos. Tais conceitos já estão efetivados no Absoluto, portanto, alguns já puderam ser observados ao se expor as características do Espírito Absoluto e são tanto parte do Espírito Absoluto como parte do espírito, bem como parte do próprio processo lógico-filosófico de apreensão dos conceitos.

O conceito de progressão lógico-filosófico, na Tese 4 da Seção 3.2, traz a concepção de que há movimento de apreensão de conceitos, e isso só poderia se dar em função de uma consciência que apreende os conceitos, pois para o Absoluto já estão todos apreendidos. Logo, o espírito precisa ser uma consciência, e uma consciência que ignore os conceitos maiores, pois, caso contrário, não haveria a necessidade de progressão lógico-filosófica.

A Tese 5 da Seção 3.2, explica que a progressão lógico-filosófica pode se manifestar na História, configurando uma progressão histórica que está em função da progressão lógico-filosófica. É possível a afirmação que o progresso verificado na História é consequência da progressão lógico-filosófica que é realizada pelas consciências singulares. Logo, a progressão lógico-filosófica possibilita a progressão histórica, dando bases a ela, inclusive.

Nesse sentido, a consciência singular progride logicamente à medida que apreende conceitos. A apreensão de conceitos a levará a compreender que há o Absoluto, que o Absoluto é uma consciência e é tudo o que existe. Logo, a consciência singular compreenderá que faz parte de um Todo que é uma consciência. Neste movimento aparece o conceito de espírito para a IEE.

O espírito, para a IEE, é a autoconsciência na Razão. Do ponto de vista de uma consciência singular, essa apreensão é o ponto culminante. Trata-se de um processo percorrido logicamente, que tem origem no conceito de alma, que possui consciência: neste ponto, a consciência analisa o próprio conceito de consciência que ela é. Descobre, portanto, que a consciência é um outro plano de ser, pois tudo está na consciência, mais especificamente na consciência do sujeito que faz essa reflexão. Torna-se, assim, consciência de si e se torna autoconsciência, mais ainda: autoconsciência inserida em uma autoconsciência universal que tem tudo, universalidade esta chamada de *Razão*.

Logo, espírito é o saber-se, de uma consciência singular, consciência que sabe de si no interior de uma consciência que se sabe o Todo.

4 UMA FILOSOFIA DA RELIGIÃO NEOHEGELIANA ATUAL E O ESPIRITISMO

Hegel faleceu em 1831, mais de vinte e cinco anos antes do lançamento da primeira edição de *O Livro dos Espíritos* (1857). Portanto, não poderia ter entrado em contato com uma doutrina posterior. Porém, muitas conclusões da filosofia hegeliana parecem coincidir com conclusões do Espiritismo, conclusões essas que, sob a IEE, buscaremos mostrar. Além disso, ao observar a filosofia hegeliana sob a ótica Espírita, e vice versa, surgem questões interessantes. Uma das questões que chama atenção é o que poderia ser uma crítica hegeliana ao Espiritismo: poder-se-ia observar que o Espiritismo não superou as formas da representação, necessitando ser suprassumidas na filosofia, sob pena de não ter uma explicação racional satisfatória, pois dependeria de *aceitar* as pressuposições trazidas por entidades espirituais, mesmo que partam de axiomas *tidos* por auto evidentes. Um exemplo pode ser observado nas Questão 4 e 5 e suas respostas, de *O Livro dos Espíritos*:

4. Onde podemos encontrar a prova da existência de Deus?

– *Num axioma que aplicais às vossas ciências: Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem, e vossa razão vos responderá.*¹

Para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da Criação. O Universo existe; ele tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa, e avançar que o nada pode fazer alguma coisa.

5. Que consequência podemos tirar do sentimento intuitivo, que todos os homens trazem consigo, da existência de Deus?

– *Que Deus existe; pois de onde lhes viria esse sentimento, se ele não se apoiasse em nada? É uma consequência do princípio de que não há efeito sem causa* (KARDEC, 2007, p. 55-56).

A falta de um aprofundamento filosófico mais hegeliano do Espiritismo pode ser considerada, entretanto, como conveniente. Tanto o codificador quanto a alegada influência e direção espiritual que ele teria recebido teriam dificuldade de divulgar a doutrina espírita se esta fosse demasiadamente filosófica. Ora, até os dias de hoje, a

¹ As respostas dadas pelos Espíritos às perguntas de Kardec estarão em itálico, notas e comentários de Kardec seguirão sem diferenciação de formatação da fonte.

filosofia hegeliana é tida como complicada e difícil mesmo entre os acadêmicos que o estudam. E, compreensivelmente, o objetivo da doutrina espírita é a divulgação, ao máximo possível, dos conceitos de que ela trata.

Portanto, entende-se aqui que a melhor definição para a doutrina espírita, historicamente constituída, é a de um início de uma disciplina que visa dar as explicações acerca da realidade baseada tanto em observações científicas quanto em lógica filosófica, nos limites de um aprofundamento compreensível por grande quantidade de pessoas.

Considerar que o Espiritismo é uma disciplina em construção vai ao encontro do princípio neohegeliano atual de desenvolvimento dos conceitos, pois o Espiritismo seria uma disciplina que se desenvolveria à medida que os conceitos fossem apreendidos. Isso seria condizente com o que Hegel diz sobre a religião ser uma revelação divina. Pode-se, levando em conta nossa cultura ocidental, estabelecer duas revelações anteriores, a mosaica e a cristã.

Cada uma delas condizentes com capacidade de absorver conceitos da época em que foram reveladas, trazendo premissas relativas àquela sociedade, funcionando como direito civil, no caso das leis mosaicas. Portanto, infere-se que a revelação mosaica trouxe conceitos novos para aquele povo específico, mas por serem conceitos, perduram. Mesmo a revelação mosaica preparou seus adeptos para uma nova revelação, o advento do Messias. Para os cristãos, Jesus Cristo é o Messias anunciado.

Logo, a revelação cristã dá sequência à exposição de conceitos expostos por Moisés e, conseqüentemente, à auto exposição do Absoluto. Em duas passagens do Evangelho, é possível notar, em uma, o caráter de complementação à revelação de Moisés e, em outra, a preparação a uma nova revelação: “Disse-lhes ele: Moisés, *por causa da dureza dos vossos corações*, vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim” (Mt, 19:8), *itálico incluído para ressaltar que, segundo Cristo, a revelação mosaica tinha limites em função do momento daquela cultura; a outra passagem mostra a preparação de Cristo para uma nova revelação: “Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não sois capazes de as compreender agora. Quando, porém, vier o Espírito da verdade, ele vos conduzirá à plena verdade” (JO, 16:12-13).*

O Espiritismo considera-se a terceira revelação, seria uma revelação de conceitos para uma cultura já preparada para lidar com questões científicas e filosóficas mais complexas que ao do tempo do Cristo. Teria sido trazida por consciências que habitariam outro plano de existência, mas que comungam conosco a evolução a partir da apreensão dos conceitos, contudo uma doutrina possível de ser apreendida por todas as culturas a partir de seus conceitos principais. Haveria, então, um planejamento pelas entidades espirituais em revelar os conceitos do Absoluto à medida em que houvesse maturidade dos espíritos singulares em apreendê-los. Sem analisar o mérito do Espiritismo realmente ser essa terceira revelação (pois o intuito aqui é analisar pontos específicos da doutrina espírita, conceitos especialmente, e sua possibilidade) admite-se a referida alegação para fins argumentativos. Pois, em verdade, não interessa nem analisar o mérito da verdade sobre Moisés ou Cristo, ou de qualquer outra religião ou doutrina, mas sim os conceitos centrais que permitam observar a auto exposição do Absoluto, que se dá no tempo, na história, mas que sempre existiram, e se estão no Espiritismo.

Por estar em desenvolvimento contínuo, qualquer aprofundamento que a doutrina espírita receber, seja científico ou filosófico, significa uma evolução da disciplina que investiga a realidade e que leva em consideração a interação entre consciências que habitam dimensões diferentes. A evolução da própria doutrina a coloca em condições de ser o repositório de respostas sobre as questões que ela busca solucionar, como, por exemplos, vida após a morte, finalidade (*telos*) da existência, etc., de maneira que poderia ser adotada por qualquer outra filosofia ou doutrina religiosa, enquanto essa disciplina investigativa.

Mesmo considerando o aspecto científico relevante, importa aqui o aspecto filosófico, de maneira que seu aprofundamento possa conferir mais solidez às respostas espíritas acerca da realidade. A filosofia hegeliana e o método interpretativo da IEE, especialmente, parecem trazer os conceitos necessários que possibilitam uma doutrina como o Espiritismo, de maneira que o desenvolvimento de certos conceitos leva a se poder afirmar a possibilidade de existência de consciências que estariam além do que se convencionou chamar de plano material, as mesmas consciências que ajudaram a codificar a doutrina espírita.

Com os conceitos que possibilitam uma filosofia neohegeliana atual da religião desenvolvidos, pode-se aplica-los ao Espiritismo, demonstrando sua *possibilidade*.

Não se trata, aqui, de se buscar demonstrar a necessidade (lógica) do Espiritismo. Entende-se que, para demonstrar que ele é necessário, precisa-se antes mostrar que ele é possível; o que se almeja aqui é o primeiro passo de se mostrar que o Espiritismo é possível, segundo a conceituação de uma filosofia neohegeliana da religião. Nesse sentido, para um espírita, o sistema hegeliano poderia ser como que corroborado pelas conclusões do Espiritismo, pois essas conclusões estariam já contidas, mesmo que indiretamente e como possibilidade, na exposição do Absoluto. E se poderia admitir que o alegado caráter científico do Espiritismo, ao estabelecer o contato com entidades imateriais, viria a complementar o sistema hegeliano, no sentido de aprofundar questões teológicas tratadas agora de uma nova forma.

Oferecer as razões da possibilidade do Espiritismo seria o primeiro passo a se dar para complementar filosoficamente essa disciplina, de modo que as considerações trazidas aqui se limitarão a possibilidade, não obstante uma futura complementação.

4.1 Conceito de Espírito para o Espiritismo

Por ter erigido uma nova doutrina, Kardec valeu-se de termos novos e de significação específica para outros. As definições de alma e espírito são um exemplo. Na Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, de *O Livro dos Espíritos*, *alma* é definida da seguinte maneira: “...por isso chamamos *alma* ao *ser imaterial e individual que existe em nós e sobrevive ao corpo*” (KARDEC, 2007, p. 25, grifo do original).

O vocábulo “espírito”, por sua vez, tem várias acepções, inclusive diferindo em várias filosofias. Por se tratar de doutrina que objetiva o encontro da consciência individual com o Todo, ou seja, do indivíduo com Deus, a definição e o conceito de “espírito” para o Espiritismo apresenta o conceito de “espírito” com uma conotação tanto religiosa, no sentido de remeter mais a conceitos usados nas doutrinas religiosas, quanto filosófica, pois admite um aprofundamento racional.

Sobre a relação entre alma e espírito, pode-se observar como o Espiritismo a trata, nas questões 134 e seguintes:

134. O que é a alma?

– *Um Espírito encarnado.*

134-a. O que era a alma, antes de unir-se ao corpo?

– *Espírito.*

134-b. As almas e os Espíritos são, portanto, uma e a mesma coisa?

– *Sim, as almas não são mais do que os Espíritos. Antes de ligar-se ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, e depois reveste temporariamente um invólucro carnal, para se purificar e esclarecer.* (KARDEC, 2007, p. 91-92).

Portanto, ressalta-se que, para o Espiritismo, a definição de espírito é mais abrangente que a de alma, pois a *alma* seria momentânea e o *Espírito* seria perene. Interessa, então, entender o conceito de espírito. Sobre as definições de espírito, ora Kardec usa substantivo comum, com e minúsculo, ora substantivo próprio, com *E* maiúsculo. As Questões 23, 76 e 79 e suas respostas esclarecem os significados:

23. Que é o espírito?

– *O princípio inteligente do Universo* (KARDEC, 2007, p. 61).

76. Como podemos definir os Espíritos?

– *Podemos dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da Criação. Eles povoam o Universo, além do mundo material.*

NOTA – A palavra Espírito é aqui empregada para designar os seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente Universal (KARDEC, 2007, p. 76).

79. Uma vez que há dois elementos gerais do Universo: o inteligente e o material, poderíamos dizer que os Espíritos são formado do elemento inteligente, como os corpos inertes são formados do material?

– *É evidente. Os Espíritos são individualizações do princípio inteligente, como os corpos são individualizações do princípio material; a época e a maneira dessa formação é que desconhecemos* (KARDEC, 2007, p. 76).

Portanto, *espírito* designa o princípio inteligente, e *Espírito* designa a sua individuação. *Espírito* é uma consciência, um ente com consciência e indivisível. Essa consciência foi criada por Deus e mantém, segundo o Espiritismo, sua individualidade pela eternidade. O conceito de espírito para o Espiritismo, portanto, deve englobar essas duas definições, pois são decorrentes uma da outra. O conceito de espírito seria, então, um princípio inteligente individualizável, capaz de manter a individualização mesmo depois do que se conhece por morte do corpo físico.

Significa dizer que, independentemente de haver dois termos, o conceito abrange as duas definições, de maneira que *espírito* e *Espírito* são complementares, referindo-se, sempre, ao mesmo conceito. Tal conceito é coerente com a filosofia hegeliana, e a filosofia neohegeliana atual o mantém. Deve-se também dizer que o conceito de espírito para o Espiritismo não fica apenas em dizer o que ele é, mas engloba todas as suas características e propriedades.

Uma característica especial que se deve ressaltar é a evolução espiritual e moral do *Espírito*. Para o Espiritismo, o Espírito evolui paralelamente em inteligência e em moralidade, aprendendo as razões da criação e o comportamento devido perante esta. O Espírito seria perfectível, mas de maneira necessária, significando que toda consciência singular atingirá a perfeição. Dessa forma, cada encarnação, ou vida na Terra, de uma consciência singular seria um meio de aprendizagem. A evolução espiritual espírita seria a apreensão dos conceitos pelo Espírito, através de suas vidas, de maneira que haveria a auto exposição do Absoluto para o ponto de vista do próprio Espírito, ou seja, o Espírito vai entendendo que os conceitos que ele apreende, que passam para si, já estavam em si e que reconhecer isso é perceber-se no Todo, um só com o Absoluto.

Entende-se, portanto, que a perfectibilidade, proporcionada pela evolução, que é o movimento do estágio mais simples da consciência singular ao estágio da perfeição, está englobada no conceito de espírito. Perfectibilidade e evolução são também o conceito de espírito, de maneira que dizer que se é Espírito implica dizer que se é uma consciência perene e que se está em evolução rumo à perfeição.

Sobre a individuação, que está presente no conceito de espírito para o Espiritismo, pode-se observar que Hegel também trata do tema. No adendo ao § 381, desenvolve raciocínios acerca da definição de espírito, sendo que um deles nos chama a atenção para a existência de uma individualidade:

[...] Ao considerar o espírito um pouco mais de perto, encontramos, como sua determinação primeira e mais simples, a determinação de que é [um] Eu. [O] Eu é algo perfeitamente simples, universal. Quando dizemos “Eu”, visamos decerto a algo singular; mas, porque cada qual é Eu, dizemos assim apenas algo totalmente universal. (HEGEL, vol. III, 1995, p. 19)

Essa passagem denota que há, para a filosofia hegeliana, um espírito individual, ou uma consciência singular. E, continuando, no mesmo adendo, Hegel reafirma tal individualidade e traz um raciocínio que se assemelha à teleologia espírita, da perfectibilidade dos Espíritos, sendo que é a essa determinação que o conceito de Espírito hegeliano e para o Espiritismo mais se assemelham:

[...] Entretanto, o espírito não se contenta, enquanto espírito finito, com transferir as coisas, por meio de sua atividade representante, para o espaço da sua interioridade, e assim retirar-lhes, de uma maneira ainda exterior, sua exterioridade; mas, enquanto consciência *religiosa*, penetra através da autonomia, aparentemente absoluta, das coisas até a potência infinita única de Deus, que é ativa em seu interior e a tudo mantém junto [...](HEGEL, vol. III, 1995, p. 39).

Tal conceito de individuação está relacionado ao conceito de perenidade do Espiritismo. Para se afirmar que o Espírito é uma consciência singular perene, tal como propõe o Espiritismo, deve-se primeiro contemplar o conceito de individuação. Há uma consciência individualizada, singularizada, que se pode entender como cada um dos indivíduos dos seres humanos. A definição de Espírito, para o Espiritismo, como já visto, é uma consciência individualizada; pela IEE, pode-se definir tal individuação como consciência singular, pois é uma singularização da consciência do Todo.

Além de perenidade e evolução, pode-se trazer um terceiro conceito presente no conceito de espírito para o Espiritismo, o conceito de reencarnação. Muito importante para a doutrina, tal conceito é o próprio meio pelo qual a consciência singular (ou Espírito, para o Espiritismo) perene efetiva sua evolução. A reencarnação consiste em uma atividade incessante até atingir certa perfeição, na qual a consciência singular nasce, vive, morre e torna a nascer. Segundo o Espiritismo, tal atividade é marcada pela vida que se tem na Terra e pela vida que se tem no plano espiritual, que seria o tempo entre uma reencarnação e outra. O propósito seria fazer a consciência singular aprender com as dificuldades no plano material, através das vivências de cada vida que tem na Terra. Tal conceito não é novidade, pois já estaria na Índia e Egito antigos, porém o Espiritismo procura demonstrar que tal conceito se conciliaria com a justiça divina e que seria necessário.

Portanto, para se entender o conceito de espírito para o Espiritismo deve-se entender que é o princípio inteligente que é individualizável, perene e perfectível (evolui), através da reencarnação.

Porém, o Espiritismo não desenvolve seu conceito de espírito a ponto de chegar ao conceito hegeliano de Absoluto, pois se limita a expor os conceitos de sua teleologia espiritual, ou seja, que o fim da existência é a evolução espiritual, ao passo que a exposição enciclopédica hegeliana desenvolve até chegar ao Todo.

O Espiritismo, por tratar de Deus e dos Espíritos, tem por conteúdo, também, o Espírito Absoluto, ainda que não use este termo. Não usar o mesmo termo não significa, necessariamente, que não se estaria tratando do mesmo conteúdo. Mesmo não desenvolvendo o conceito de espírito até o Absoluto, não significa que os conceitos que o Espiritismo traz não estejam no Absoluto e que não sejam verdadeiros.

A abrangência do conceito hegeliano se deve em função do progresso lógico-filosófico que se realiza para chegar ao conceito de Espírito Absoluto. Em especial, a exposição enciclopédica consegue ser uma filosofia sem pressupostos, segundo Hegel, o que confere uma base filosófica sólida, pois não se parte de algum axioma que foi adotado ou por ser o resultado de algum raciocínio que é conclusão de axiomas, axiomas que, no fundo, partem de alguma crença ou opinião. E a IEE constitui uma chave interpretativa da filosofia hegeliana que permite uma observação da realidade e consequentemente do Espiritismo por esclarecer o pensamento hegeliano com base no pensamento.

A fundamentação filosófica do Espiritismo parte das observações dos fenômenos espirituais e de alguns axiomas utilizados por Kardec que provêm do cabedal filosófico da época, bem como alguns axiomas apresentados pelos próprios Espíritos, inclusive. Exemplo disso, como se viu, é a Questão 4 de *O Livro dos Espíritos*, momento em que Kardec pergunta “Onde podemos encontrar a prova da existência de Deus?” e a resposta já traz um pressuposto, no caso o da causalidade: “*Num axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e vossa razão vos responderá*”. (KARDEC, 2007, p. 55)

4.2 Fundamento Filosófico ao Espiritismo

Tal como o cogito cartesiano, o Espiritismo busca fulcrar sua filosofia em axiomas sólidos. Não se nega que, quando bem realizado, tal método possibilita uma filosofia robusta e difícil de refutar. Mas, refutando o axioma principal ou, simplesmente, não sendo aceito como necessário, aquela filosofia perde as bases. Nesse sentido, a filosofia hegeliana e a IEE poderiam fornecer ao Espiritismo bases sólidas, pois, ao fazerem uma filosofia sem pressupostos, o resultado alcançado por elas não dependeria de aceitação nem permitiriam refutação do tipo citado.

Para dar alguns exemplos do limite filosófico do Espiritismo, cita-se algumas passagens que demonstram que, pelo menos no momento da sua primeira exposição, ou seja, “O Livro dos Espíritos”, houve a opção de não aprofundamento em alguns tópicos:

171. Sobre o que se funda o dogma da reencarnação?

– *Sobre a justiça de Deus e a **revelação**, pois não cansamos de repetir; um bom pai deixa sempre aos filhos uma porta aberta ao arrependimento. A razão não diz que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna aqueles cujo melhoramento não dependeu deles mesmos? Todos os homens não são filhos de Deus? Somente entre os homens egoístas é que se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem perdão.* (negrito introduzido) (KARDEC, 2007, p. 104).

A resposta à Questão 171, mesmo tendo uma explicação razoável, funda o princípio da reencarnação também na revelação, que necessita de uma fundamentação por si só. Neste ponto, os Espíritos que teriam ditado a resposta valeram-se da autoridade. Pode-se admitir a revelação, na exposição feita em “O Livro dos Espíritos”, como válida filosoficamente, mas não houve a demonstração lógica durante tal exposição, mesmo porque talvez não fosse a intenção.

35. O espaço universal é infinito ou limitado?

– *Infinito. Supõe limites para ele: o que haveria além? Isto confunde a tua razão, bem o sei, e no entanto a razão te diz que não pode ser de outra maneira. O mesmo se dá com o infinito em todas as coisas; não é na vossa pequena esfera que o podeis compreender.* (KARDEC, 2007, p. 64).

A resposta à Questão 35 aborda o problema da infinitude, porém sem esclarecer, limitando-se a dizer que é de difícil compreensão. Hegel tratou do problema da infinitude ao ponto de ser um dos princípios mais importantes de seu pensamento: a consideração do verdadeiro infinito.

As citações precedentes servem como exemplo apenas. Mais uma vez, deve-se dizer que o não aprofundamento filosófico do Espiritismo não seja uma refutação à doutrina espírita, mesmo porque as citações de alguns trechos não configuram o que seria exatamente a exposição da doutrina Espírita. O que se intenciona é indicar que existe caminho filosófico possível para se dar aprofundamento e demonstrar a possibilidade da doutrina. E não se quer aqui elevar a doutrina Espírita a uma filosofia aos moldes clássicos, pois o Espiritismo tem seu lugar definido dentro do conhecimento humano. A possibilidade de dar aprofundamento às bases filosóficas do Espiritismo oferece um campo a mais de conhecimento, seja para dar melhores respostas às problemáticas trazidas pelo Espiritismo, seja para o Espiritismo servir de base a novas investigações de caráter mais religioso. Se a isso continuar a darem o nome de *Espiritismo*, desde que mantida a coerência doutrinária, é de menor importância. O mais importante é o conhecimento da Verdade, ou pelo menos a sua busca.

O conceito hegeliano de Absoluto pode servir de base filosófica ao Espiritismo porque há possibilidade de aproximação entre o Espiritismo e os conceitos hegelianos. Como visto, o conceito de espírito para o Espiritismo não é o mesmo que o que é para o neohegelianismo atual, mas pôde-se observar que guarda relação por tratar do mesmo objeto, e, em certa medida, por estar contido no conceito de espírito para a IEE, portanto, não diverge, ao ponto de poder o Espiritismo se valer do conceito de espírito da IEE.

Pode-se apontar como uma carência de fundamento filosófico o fato do Espiritismo não aprofundar a questão da ligação entre a consciência singular, ou seja, o Espírito do Espiritismo, com Deus. Talvez, pelo fato de que, se o Espiritismo aprofundasse questões filosóficas, poderia perder seu escopo de divulgação do que considera as leis espirituais. Não houve a explicação de como o Espírito se ligaria a Deus, se limitando a dizer que o Espírito foi criado por Deus, pois admite-se que Espírito é a individuação do princípio inteligente, que foi criado por Deus.

O conceito de espírito da IEE permite compreender como o Espírito estaria ligado a Deus. Se, para a IEE, a consciência singular é uma autoconsciência na Razão e que se reconhece como espírito, e a Razão é a consciência universal que tem tudo, que é o Todo, logo, a ligação entre a consciência singular e Deus é através do pensamento, que acessa a consciência universal, que só poderia ser, para o Espiritismo, Deus. Pode-se concluir que o próprio pensamento é Deus, de maneira que, quando se pensa, acessa-se o pensamento universal, que não é meramente o pensamento de Deus, mas seria Deus mesmo. Quando se pensa, pensa-se junto com o Todo. Por essa argumentação, pode-se inclusive, entender a onisciência divina.

Dessa forma, haveria uma única substância, o pensamento, que se cinde em outros conceitos. Do ponto de vista do Espiritismo, tal consideração está em consonância com o que a doutrina propaga, pois ficaria melhor explicado o processo de evolução, que seria um apreender de conceitos para que o Espírito expanda em conhecimento de Deus, tornando-se cada vez mais perto Dele, no sentido do conhecimento do Todo e das possibilidades de ações nesse Todo. Cada reencarnação do processo evolutivo seria uma possibilidade de apreensão de conceitos, mais de caráter ético e moral do que meramente científico, segundo o Espiritismo, o que valeria dizer que o conhecimento do Todo é um conhecimento inclusive moral. Deve-se, portanto, vivenciar uma ética-moral superior para apreender conceitos superiores, tal como o amor cristão.

Uma outra carência filosófica seria a separação entre a matéria e o espírito, com a mesma problemática cartesiana. Sem aprofundar uma discussão que existe de há muito, utilizando-se conceitos da IEE, pode-se compreender que matéria e espírito são uma mesma coisa. Hegel diz que o espírito seria uma segunda natureza, entretanto, como podemos entender a exposição enciclopédica como a auto exposição do Absoluto, e como todos os conceitos já estão efetivados desde o começo, pode-se entender também a natureza como compreensão e, portanto, a natureza está contida no espírito, de maneira que não lhe é estranha. Ela é, pois, considerada ser o outro da Ideia lógica, mas isso no sentido de que em determinado momento, no momento da exposição da Ideia lógica, a natureza não foi ainda considerada, tratada conceitualmente, e portanto é necessária tratá-la conceitualmente, na exposição enciclopédica e chegar ao conceito de espírito, para compreender a natureza como superada no espírito. Portanto, a natureza é um outra

da Ideia apenas nesse momento, momento esse meramente do ponto de vista da consciência singular que está apreendendo os conceitos.

Dessa maneira, própria compreensão que temos de matéria, e até de natureza, na verdade indica que ela é pensamento, pois Tudo seria pensamento, necessariamente. A divisão que usualmente se faz entre espírito e matéria na verdade seria um momento e do ponto de vista da consciência singular. Ora, não é precisamente o ser humano que faz essa divisão neste momento presente de apreensão de conceitos? Significaria dizer que no momento atual, os conceitos apreendidos pelas consciências coletivas levam ainda a fazer divisões em conceitos dos momentos do Todo. No fim, pode-se perguntar se a teleologia espírita não teria certa razão e tudo o que se entende por matéria seria pensamento de Deus, que assim decidiu que fossem as coisas para que houvesse a possibilidade de apreensão de conceitos, ou a evolução espiritual, da consciência singular. A matéria representaria um outro para a consciência singular, porque esse momento dialético seria necessário para a evolução da consciência singular.

Após observar esses dois pontos, pode-se afirmar que o fundamento filosófico do Espiritismo passa a ser o mesmo da religião neohegeliana, que está em consonância com os conceitos expostos na *Enciclopédia*. A possibilidade do Espiritismo depende, em um primeiro momento, da não contrariedade aos conceitos da auto exposição do Espírito Absoluto (pela filosofia hegeliana e pela IEE) e, em um segundo momento, de que seus conceitos possam ser diretamente relacionados aos dessa exposição e formar um todo de compreensão. Desta maneira, mesmo que o Espiritismo não aborde todos os conceitos da auto exposição do Espírito Absoluto, ele será considerado uma doutrina possível.

Para verificar tal coerência e concordância, analisa-se a seguir os principais princípios da Doutrina Espírita, reduzidos, anteriormente, aos 5 Princípios Espíritas, dos quais decorrem os conceitos de perenidade, evolução e reencarnação.

4.3 Os 5 Princípios Espíritas e suas possibilidades

Estabelecida a possibilidade de aprofundamento do aspecto filosófico do Espiritismo pelos conceitos da IEE, pode-se mostrar a possibilidade da Doutrina

Espírita através da possibilidade do que se denominou-se aqui (Seção 2.2.1) de *Princípios Espíritas*. Não significa dizer que o Espiritismo é a interpretação fidedigna da realidade, mas que é uma visão possível, e, como tal, pode ser verdadeira, desde que possível. Como exposto anteriormente (Seção 2.2.1), Allan Kardec elenca um resumo do Espiritismo em 32 teses, na introdução ao estudo da Doutrina Espírita, de *O Livros dos Espíritos*. A redução a 5 Princípios Espíritas parece ter se originado de maneira espontânea entre os espíritas, de modo que não foi possível encontrar a origem ou fundamentação desta contração em algum doutrinador espírita de renome. Fazer um resumo do resumo, ao apresentar os princípios básicos em cinco, oferece uma concisão e elucidação necessárias para este trabalho, de maneira que por isso foi adotado. Ademais, por ser uma doutrina de coerência filosófica, um recorte representa o Todo, e entende-se que estes cinco princípios sintetizam o pensamento espírita.

Como já visto, são 5 os Princípios Espíritas: Existência de Deus, Existência e Imortalidade do Espírito, Reencarnação e Pluralidade das Existências, Comunicabilidade com os Espíritos e Pluralidade dos Mundos Habitados. Tratam-se, a seguir, desses princípios e suas relações com a IEE.

4.3.1 Existência de Deus

O Espiritismo admite Deus sob a seguinte definição: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” na primeira pergunta de *O Livro dos Espíritos*. Tal concepção não destoia da concepção de Espírito Absoluto, pois é algo que se pode dizer dele, mesmo que não abranja a significação do conceito todo. O Conceito Espírito Absoluto em si, por si e para si, da IEE (Seção 3.2, Tese 1), permite esta possibilidade. Em especial, segundo Hegel (1995, vol. II, § 411, p. 212): “[...] é indiferente que [o espírito] seja determinado como seu conceito, ou como sua realidade. Pondo-se a *razão* objetiva, puramente infinita, como seu *conceito*, então a realidade é o *saber*, ou a *inteligência*”.

Nesse sentido, o espírito é inteligência, e o Espírito Absoluto é inteligência suprema. Logo, o axioma “Deus é a inteligência suprema, causa primaria de todas as coisas” pode ser considerado como uma das propriedades essenciais do Espírito Absoluto, ele é “inteligência suprema” na medida em que ele é Sujeito, como

considerado na Seção 3.2, Tese 9, com inteligência, e “causa primeira de todas as coisas” como Substância, como considerado na Seção 3.2, Tese 7. Como o Absoluto pode ser considerado como a substância de tudo, pode-se admitir que ele seria a causa de tudo, pois seria o conceito que se cinde (julga, *urteilt*) em todos os outros conceitos .

Dessa forma, pode-se admitir como possível esse princípio espírita da existência de Deus, e de Deus como consciente, e ainda como causa primária de todas as coisas. Seria mesmo a inteligência suprema, e seu pensamento abarcaria o Todo. É coerente entender que seria possível para essa inteligência criar segundo uma razão para a criação. Isso tornaria a teleologia espírita da perfectibilidade dos espíritos como uma possibilidade lógico-filosófica. Imaginar que o aprendizado do Espírito se daria pelas dificuldades durante cada vida, traz mais coerência e lógica com o conceito de Deus ao analisar as desigualdades e sofrimentos terrenos, de maneira que explicaria o porquê da dor.

4.3.2 Existência e Imortalidade do Espírito

Para o Espiritismo, o Espírito é uma consciência, uma inteligência que foi criada por Deus e que jamais perecerá nem perderá sua individualidade. A Questão 83 e sua resposta de *O Livro dos Espíritos* falam sobre a eternidade do Espírito:

O 83. **Os Espíritos terão fim?** Compreende-se que o princípio de que eles emanam seja eterno, mas o que perguntamos é se a sua individualidade terá um termo, e se, num dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se desagregará e não retornará à massa de que saíram, como acontece com os corpos materiais. É difícil compreender que uma coisa que teve começo não tenha fim.

– *Há muitas coisas que não compreendeis, porque a vossa inteligência é limitada; mas não é isso razão para as repelirdes. O filho não compreende tudo o que o pai compreende, nem o ignorante tudo o que o sábio compreende. Nós te dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim; é tudo quanto podemos dizer, por enquanto (negrito introduzido) (KARDEC, 2007, p. 77).*

Além da eternidade, nota-se nesta questão a resposta vaga, no sentido filosófico, dada pelos Espíritos. Eles não trazem bases filosóficas racionais, apenas

afirmam e dizem que por ora é o que se pode informar. A necessidade de um aprofundamento filosófico para o Espiritismo fica patente também por esta questão.

Sobre a manutenção da individualidade, observe-se a resposta à Questão 150 de *O Livro dos Espíritos*: “A alma conserva a sua individualidade após a morte? – *Sim, não a perde jamais. O que seria ela, se não a conservasse?* (KARDEC, 2007, p. 97)”.

De acordo com conceito de Sujeito/ Eu (expresso na Seção 3.2, Tese 9), há a possibilidade, pela IEE, da perenidade e manutenção da consciência individualizada, por ser da mesma substância que o Espírito Absoluto, apesar de Hegel e a IEE não dizerem expressamente. Hegel traz algumas passagens a respeito da unidade substancial e ideal e da perenidade do espírito, na *Enciclopédia* :

§ 251. A natureza é *em si* um todo vivo; o movimento ao longo dos seus degraus é antes isso: que a ideia se ponha como aquilo que ela *em si* é, ou, o que é o mesmo, que ela de sua imediatez e exterioridade, que é a *morte*, vá para *dentro de si*, para primeiro ser como *vivente*; mas a seguir suprassuma também esta determinidade na qual ela é somente vida e se transporte à existência do espírito, o qual é a verdade, o alvo final da natureza e a verdadeira efetividade [realidade] da ideia. (HEGEL, vol. II, 1997, p. 38)

§ 389. A alma não é imaterial só para si mesma, mas é a imaterialidade universal da natureza, a vida ideal simples da natureza. É a *substância*, a base absoluta de toda a particularização e singularização do espírito, de modo que este tem nela todo o material de sua determinação e ela permanece [como] sua própria idealidade penetrante, idêntica. Mas, nessa determinação abstrata, a alma é apenas o sono do espírito – o *voûç passivo* de Aristóteles, que segundo a *possibilidade* é tudo. (HEGEL, vol. III, 1995, p. 42)

Bem como, no adendo a esse §389, Hegel afirma:

A questão da imaterialidade da alma só poderá ter ainda algum interesse se for representada de um lado a matéria como algo *verdadeiro* e, de outro lado, o espírito como uma *coisa*. [...] O espírito é a verdade existente da matéria, [de modo] que a matéria não tem verdade alguma. (HEGEL, vol. III, 1995, p. 43)

E, no adendo, completa:

O *materialismo* se contrapõe a essa compreensão especulativa da oposição do espírito e da matéria, [pois] apresenta o pensar como um resultado do [ser] material [e] deriva do múltiplo a simplicidade do pensar. Nada há mais insuficiente que as análises efetuadas nos escritos materialistas sobre as relações e conexões variadas, por meio das quais seria produzido um resultado tal como o pensar. No caso se desconhece totalmente que, como a causa se suprassume no efeito, o

meio no fim realizado, assim aquilo de que o pensar deve ser o resultado está, antes, suprasumido no pensar; e que o espírito, enquanto tal, não é produzido por um Outro, mas se faz passar a si mesmo de seu ser-em-si ao ser-para-si — de seu conceito à efetividade — e faz daquilo, deve ser posto, algo posto por ele. Por conseguinte, deve-se reconhecer no materialismo a tendência entusiasta de ultrapassar o dualismo que admite dois mundos de espécie diferente como igualmente substanciais e verdadeiros; e a suprasumir esse dilaceramento do Uno originário. (HEGEL, vol. III, 1995, p. 48)

Deduz-se, desses parágrafos, que Hegel entende que a verdadeira vida é a espiritual, que o espírito é a substância de tudo e a matéria não tem verdade, a não ser como manifestação do espírito, ideal. Logo, pode-se admitir que a consciência tem uma existência espiritual e como tal não depende da matéria. Em especial, a consciência sobrevive à morte do corpo vivo, pois o corpo vivo seria uma composição matéria-ideal relacionada ao nosso Espírito, mas, na morte do corpo vivo, separa-se o corpo material-ideal de sua vida e consciência (Espírito), cujo resultado seria, de um lado a consciência do Espírito pura, em si mesma, e, de outro, o corpo morto.

A IEE, por sua vez, considera que o Espírito, ou consciência singular, é uma autoconsciência no interior da Razão, de maneira que ela faz parte da consciência do Todo, mais ainda, da autoconsciência do Todo. Se há um Eu que é nós e um nós que é Eu, pode-se inferir que há um eu, uma autoconsciência individualizada, para a qual não há motivos para se supor que irá desaparecer após a morte. Uma vez que uma consciência se reconhece como autoconsciência, compreende que ela mesma é o Todo também, de maneira que essa consciência pode permanecer eternamente, na medida em que o devir do espírito são as superações que ele vai realizando durante sua vida, não há porque essas superações (e seu devir) cessar com a morte, ou seja, a separação de sua matéria-ideal

Sobre a relação entre o corpo e o Espírito, Hegel entende que o espírito é a verdade da matéria, podendo-se admitir, portanto, que um corpo material precisa de um espírito para se efetivar como corpo vivo. Isso vai ao encontro do Espiritismo, o que pode ser averiguado nas Questões 136, 136-a e 136-b e suas respostas:

136. A alma é independente do princípio vital?

– *O corpo não é mais que o envoltório, sempre o repetimos.*

136-a. O corpo pode existir sem a alma?

– *Sim; e não obstante, desde que o corpo deixa de viver, a alma o abandona. Antes do nascimento, não há uma união decisiva entre a alma e o corpo, ao passo que, após o estabelecimento dessa união, a morte do corpo rompe os liames que a unem a ele, e a alma o deixa. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo sem vida orgânica.*

136-b. O que seria o nosso corpo, se não tivesse alma?

– *Uma massa de carne sem inteligência; tudo o que quiserdes, menos um homem* (KARDEC, 2007, p. 92).

Inicialmente, na *Ciência da Lógica*, sobre o conceito de vida, Hegel diz no § 216:

Assim a vida é essencialmente [um ser] vivo, e, segundo sua imediatez, é este ser-vivo *singular*. A finitude tem nessa esfera a determinação de que corpo e alma são *separáveis*, em virtude da imediatez da ideia; isso constitui a mortalidade do ser-vivo. Mas só na medida em que ele é morto, esses dois lados da ideia são *fragmentos-constitutivos* diversos. (HEGEL, vol. I, 1995, pp. 353-354)

A partir desse parágrafo e da inverdade da matéria, pode-se compreender, a partir da IEE, que o corpo vivo não pode existir separado da alma ou do espírito. O corpo morto não é igual ao corpo vivo, o que pode ser representado pelas equações “corpo vivo = corpo morto + alma”, logo, “corpo morto = corpo vivo – alma”, pois a forma de união da alma com o corpo vivo não é a de mero ajuntamento (agregado) de um com o outro, mas formam uma unidade inseparável no corpo vivo. Mas a vida do corpo é justamente o espírito, que deixa o corpo vivo na morte o faz passar a ser corpo morto. Como diz Hegel no adendo do § 219:

Quando a alma escapa do corpo, as potências elementares da objetividade entram em jogo. Essas potências estão, por assim dizer, permanentemente armando o bote para dar início ao seu processo no corpo orgânico; e a vida é o combate constante contra isso. (HEGEL, vol. I, 1995, pp. 355-356)

4.3.3 Reencarnação e Pluralidade das Existências

A reencarnação é um preceito antigo, de épocas imemoriais. Está presente no Antigo Egito, na Índia Védica, na Grécia Antiga, na Gália dos druidas, na antiga Roma, nas culturas ameríndias, nos povos africanos, além da cultura do extremo oriente, como China e Japão. O Espiritismo devolve este conceito à cultura europeia. A reencarnação é admitida pelo Espiritismo mediante o contato com as consciências desencarnadas, pois estas afirmam que há a reencarnação, e porque a reencarnação explica logicamente a existência de injustiças na Terra entre os homens sem contrariar a definição de justiça divina, de que Deus seria infinitamente justo.

A noção geral da reencarnação é a de uma consciência que está em alguma dimensão de existência e que volta à vida material através do nascimento. Dessa forma, a consciência preexistiria antes do nascimento e permaneceria após a morte. E esse ciclo continuaria indefinidamente até que o espírito atingisse certo nível de compreensão das leis morais divinas. Portanto, pode-se observar que o conceito de evolução espiritual se relaciona com o princípio espírita de reencarnação.

O princípio da reencarnação pode ser considerado possível por derivação da Subseção antecedente, 4.3.2, da *Existência e Imortalidade do Espírito*. Se a consciência sobrevive após a morte, nada impede de chegar à conclusão de que poderá nascer em um novo corpo, e, se se levar em consideração o conceito de evolução espiritual do espiritismo, pode-se concluir não só pela possibilidade mas como pela necessidade desse processo.

A filosofia hegeliana não trata diretamente do tema da reencarnação, na profundidade que o tema mereceria, se a explicação espírita for verdadeira, mas se pode dizer que não lhe é contraditória. Se se levar em conta a teleologia espírita rumo à perfeição espiritual, então seria lógico que haveria uma forma de processo, que pode ser considerado como pedagógico, do ponto de vista da consciência singular, no sentido de fazer o Espírito evoluir. Tal processo seria necessário, inclusive. O aprendizado do Espírito, que o faria evoluir seria a mediação, quando um eu apreende com um outro uma parte da exposição do todo que ele não havia entendido. Evolução espiritual, reencarnação e perenidade são conceitos inseparáveis para o Espiritismo

expor seus conceitos e sua teleologia, tanto de visão de Deus, quanto de Espírito e seu objetivo.

Segundo o conceito de espírito para a IEE, a reencarnação seria possível, pois considera que tudo é espírito, tudo é consciência. E, pelo exposto no item anterior, da existência e imortalidade do Espírito, a IEE considera possível que a consciência singular mantenha sua unidade após a morte do corpo. Sendo uma consciência que vive ainda, em outro plano de existência, nada impede que volte a se ligar a um corpo, de forma que a teleologia espírita lhe é compatível. A evolução espiritual do Espiritismo pode se harmonizar com a concepção da IEE no tocante da auto exposição do Absoluto, do ponto de vista da consciência singular, ser exatamente a evolução espiritual do Espiritismo, de maneira que a apreensão dos conceitos que faz com que a consciência singular se reconheça como uma autoconsciência no interior da Razão seria o aprendizado, ou finalidade pedagógica, que a reencarnação traria, segundo a visão do Espiritismo.

Pela IEE, ainda, o Espiritismo poderia embasar a necessidade da reencarnação, pois a IEE entende que deve haver a mediação para que haja a apreensão dos conceitos. A mediação é tudo aquilo que a consciência singular vivencia que a faz trazer para si uma parte da auto exposição do Absoluto que lhe era apenas em si, ou seja, através da mediação, a consciência singular compreende partes do Todo que antes não compreendia. Para o Espiritismo, a mediação se daria, principalmente, através das dificuldades durante uma encarnação, que significaria que os problemas que apareceriam em vida, além do convívio de um Espírito em posição relativa inferior a com um Espírito de posição relativa superior, destacando-se que, para o Espiritismo, tal hierarquia é relativa e se dá em função da moralidade do Espírito. Essa convivência se daria no plano material, pois, no plano espiritual espírita, os Espíritos de hierarquias diferentes habitariam circunscrições diferentes, sendo até difícil para um Espírito de hierarquia inferior perceber a presença de um Espírito superior. Tal relacionamento pode ser deduzido da seguinte pergunta de *O Livro dos Espíritos*:

779. O homem tira de si mesmo a energia progressiva ou o progresso não é mais do que o resultado de um ensinamento?

– *O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente, mas nem todos progridem ao mesmo tempo e da mesma maneira; é então que os*

mais adiantados ajudam os outros a progredir, pelo contato social. (KARDEC, 2007, p. 261).

O conceito de evolução espiritual do Espiritismo se relaciona com a IEE em outro aspecto, também. Para o Espiritismo, o progresso moral do Espírito se dá pela razão, ou seja, é pela racionalidade, pela tomada de consciência. A racionalidade, ou inteligência do Espírito pode ser entendida como o processo de conhecimento de si. A IEE entende da mesma forma. A Questão 780 e sua resposta de *O Livro dos Espíritos* diz:

780. O progresso moral segue sempre o progresso intelectual?

– *É a sua consequência, mas não o segue sempre imediatamente.*

780-a. Como o progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral?

– *Dando a compreensão do bem e do mal, pois então o homem pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio segue-se ao desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade do homem pelo seus atos.* (KARDEC, 2007, p. 262).

Dessa forma, o Espiritismo pode-se valer do conceito de espírito da IEE para explicar que a reencarnação propicia a descoberta pela consciência singular de que se é autoconsciência. Logo, haveria mais um ponto em que o Espiritismo poderia aprofundar suas bases filosóficas do princípio da reencarnação, pois se para a IEE é necessário que haja a tomada de consciência do espírito, ou, dizendo de outro modo, é necessário que a consciência singular traga para si que se é autoconsciência no interior da Razão para se reconhecer como espírito, o Espiritismo pode mostrar que é necessário a mediação, o aprendizado com Espíritos superiores, através da convivência social e através das reencarnações para o Espírito se desenvolver em inteligência e poder escolher em função da moralidade.

O Espírito escolhe, tem livre-arbítrio, por ter a capacidade da vontade. Em especial, o conhecimento e os valores morais do Espírito, Espírito que é ao mesmo tempo inteligência e vontade, são por ele (e apenas por ele) livremente escolhidos e efetivados. Nesse sentido, as encarnações são momentos em que o próprio Espírito pode experienciar a necessidade lógico-filosófica de conhecimentos e valores. Nesse ponto, o princípio de esquecimento das vidas anteriores, ou passadas, do Espiritismo

ganha relevância e podem também ter sua base filosófica a partir do conceito de espírito. As encarnações propiciariam experiências que não seriam possíveis para ele se o espírito não esquecesse seu passado, pois, por exemplo, poderia ainda sofrer com lembranças do que realizou e que o impedem de reconhecer livremente conhecimentos e valores. Observe-se o raciocínio contido ao longo da Questão 393, sua resposta e comentário:

393. Como pode o homem ser responsável por atos e resgatar faltas dos quais não se recorda? Como pode aproveitar-se da experiência adquirida em existências que caíram no esquecimento? Seria concebível que as tribulações da vida fossem para ele uma lição, se pudesse lembrar-se daquilo que as atraiu, mas desde que não se recorda, cada existência é para ele como se fosse a primeira, e é assim que ele está sempre a recomençar. Como conciliar isto com a justiça de Deus?

– *A cada nova existência o homem tem mais inteligência e pode melhor distinguir o bem e o mal. Onde estaria o seu mérito se ele se recordasse de todo o passado? Quando o Espírito entra na sua vida de origem (a vida espírita) toda a sua vida passada se desenrola diante dele; vê as faltas cometidas e que são causa do seu sofrimento. Bem como aquilo que poderia tê-lo impedido de cometê-las; compreende a justiça da posição que lhe é dada e procura então a existência necessária a reparar a que acaba de escoar-se. Procura provas semelhantes àquelas por que passou, ou as lutas que acredita apropriadas ao seu adiantamento e pede a Espíritos que lhe são superiores para o ajudarem na nova tarefa a empreender, porque sabe que o Espírito que lhe será dado por guia nessa nova existência procurará fazê-lo reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de intuição das que ele cometeu. Essa mesma intuição é o pensamento, o desejo criminoso que frequentemente vos assalta e ao qual resistis instintivamente, atribuindo a vossa resistência, na maioria das vezes, aos princípios que recebestes de vossos pais, enquanto é a voz da consciência que vos fala e essa voz é a recordação do passado, voz que vos adverte para não cairdes nas faltas anteriormente cometidas. Nessa nova existência, se o Espírito sofrer as suas provas com coragem e souber resistir, eleva-se a si próprio e ascenderá na hierarquia dos Espíritos, quando voltar para o meio deles.*

Se não temos, durante a vida corpórea, uma lembrança precisa daquilo que fomos, e do que fizemos de bem ou de mal em nossas existências anteriores, temos, entretanto, a sua intuição. E as nossas tendências instintivas são uma reminiscência do nosso passado, às quais a nossa consciência, – que representa o desejo por nós concebido de não mais cometer as mesmas faltas, adverte que devemos resistir. (Kardec, 2007, pp. 162-163)

A citação precedente informa como é para o Espiritismo a questão do esquecimento das vidas anteriores, além de ilustrar o processo de evolução espiritual, por isso foi transcrito na integralidade. Se se lembrasse de tudo quanto se vivenciou,

os arrependimentos poderiam gerar depressões incuráveis em função de crimes cometidos, por exemplo. Logo, o Espiritismo pode, coerentemente, afirmar que o esquecimento das vidas anteriores é necessário para que o Espírito dê continuidade ao processo evolucionário.

Os princípios espíritas concernentes à reencarnação, bem como os que dão base a ela, são portanto coerentes com o conceito de espírito para a IEE. Dessa maneira, o Espiritismo teria condições de afirmar a necessidade lógica de seu processo evolucionário.

4.3.4 Comunicabilidade com os Espíritos

O princípio da comunicabilidade com os espíritos, para o Espiritismo, afirma a possibilidade de comunicação entre consciências que habitam diferentes dimensões de existência, ou plano de existências. O Espiritismo afirma que, principalmente através do pensamento, um encarnado pode se comunicar com o desencarnado. Não se trata, portanto, apenas de comunicação que ocorre de forma mais patente, com efeitos materiais, como na psicografia, mas de transmissibilidade de ideias e emoções. As Questões 459 e 460 e suas respostas dizem a respeito:

459. Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações?

– Nesse sentido a sua influência é maior do que supondes, porque muito frequentemente são eles que vos dirigem.

460. Temos pensamentos próprios e outros que nos são sugeridos?

– Vossa alma é um Espírito que pensa; não ignorais que muitos pensamentos vos ocorrem, a um só tempo, sobre o mesmo assunto e frequentemente bastante contraditórios. Pois bem: nesse conjunto há sempre os vossos e os nossos, e é isso o que vos deixa na incerteza, porque tendes em vós duas ideias que se combatem (KARDEC, 2007, p. 182-183).

Do ponto de vista da IEE, tal comunicação é possível, pois como a substância de tudo é o Espírito Absoluto, e ele é puro pensamento, os pensamentos das consciências singulares podem chegar até as outras. Os pensamentos que são emanados de uma consciência podem reverberar pelo todo. Na Seção 3.2, Tese 9, o

Conceito de Sujeito/ Eu confere base para isso, pois, se há um eu que é nós e um nós que é eu, pode-se inferir que há comunhão de pensamentos. Mais, se a substância é o pensamento, quando se pensa há a comum unidade com a substância, de maneira que o pensamento de uma consciência singular reverbera no todo, apta a ser entendida por toda consciência que partilha da mesma substância.

O Espiritismo admite uma escala entre os Espíritos, escala essa de ordem moral, ou seja, seriam superiormente hierárquicos os Espíritos mais desenvolvidos moralmente àqueles que ainda não se desenvolveram, que, como se viu no item anterior, necessitariam do desenvolvimento da inteligência para entender a diferença entre o bem e o mal e poder escolher entre eles. Por esse princípio, o Espiritismo entende que a natureza dos pensamentos dos Espíritos são diferentes em função da escala. Espíritos superiores emitiriam pensamentos mais nobres e puros, Espíritos inferiores tenderiam a emitir pensamentos mais egoísticos e viciosos. Os Espíritos tenderiam a se conectar com pensamentos parecidos com os seus, dessa maneira, haveria como que uma telepatia natural entre Espíritos que pensam da mesma maneira.

Pelos conceitos da IEE, pode-se afirmar a possibilidade dessa diferença, pois as consciências singulares diferem quanto a quantidade de apreensão dos conceitos da auto exposição do absoluto, de maneira que tem uma visão do Todo segundo seus limites de conhecimento. Dessa forma, é natural que seus pensamentos possam divergir e que faça sentido que a consciência singular tenha acesso mais facilmente aos pensamentos que trazem os conceitos que já apreendeu, pois esses pensamentos representam aquilo que ela já conhece. Por isso que mesmo as revelações devem estar em consonância com a sociedade em que ela apareceu, devendo estar em harmonia com o espírito daquele povo, sob pena de não ser efetiva.

Tal como a comunicação que se verifica normalmente, com a necessidade da fala, da escrita, etc., que, para se fazer entendido, deve-se ter uma linguagem em comum e manter a coerência lógica do discurso para ser entendido, a comunicação entre os Espíritos através do pensamento deve manter esses requisitos. Isso possibilita a comunicabilidade entre os Espíritos encarnados e desencarnados, segundo o que diz o Espiritismo, pois a comunicação se daria em função dos pensamentos entre o Espírito desencarnado e o médium, que é o Espírito encarnado receptor do pensamento daquele.

E como o pensamento é a substância de tudo, pode-se captar nela emoções e sentimentos também, pois são também pensamentos. Pode uma consciência singular ser atraída por um pensamento que reconhece ser de alguém por quem tem afeição. O Espiritismo afirma que isso se dá entre os Espíritos independentemente de estarem ou não desencarnados, apesar da maior facilidade de comunhão de pensamentos entre os desencarnados. Sobre esse ponto, pode-se notar coerência com o texto hegeliano, em especial quando Hegel, no adendo do § 406, fala do quinto dos “*momentos-principais* do saber visionário [*die Hauptmomente des schauenden Wissens*]”:

5) – Se enfim esse relacionamento atinge o mais alto grau de intimidade e de força, apresenta-se, em *quinto lugar*, o fenômeno de que o sujeito [clari]vidente não apenas sabe, vê e sente *sobre* um outro sujeito, mas *em* um outro sujeito; sem [dar] atenção direta ao outro indivíduo, *sente-junto* com ele, *imediatamente*; tem em si mesmo, como suas *próprias*, as sensações da individualidade alheia. Encontram-se os exemplos mais chocantes desse fenômeno. Assim, um médico francês tratou duas mulheres que muito se amavam reciprocamente, e que a uma distância considerável sentiam, uma na outra, suas enfermidades respectivas. A isso pode ligar-se o caso de um soldado que, embora separado a certa distância de sua mãe, sentiu imediatamente, em união com ela, a angústia dela ao ser amarrada por assaltantes, e se sentiu irresistivelmente forçado a se precipitar, sem mais esperar, em direção a ela. (HEGEL, vol. III, 1995, p. 138)

Segundo o Espiritismo, e possibilitado pela IEE, mesmo a inspiração de um artista ou cientista pode provir de um pensamento alheio. Em busca de algo novo para completar uma obra de arte ou projeto científico, por exemplos. A consciência singular pode se esforçar em buscar um pensamento que venha ao encontro de sua necessidade, sem saber que pode ter sido transmitido por alguma outra consciência singular. Mesmo uma reunião de pensamentos sobre determinado assunto poderiam formar um todo que poderia ser acessado por uma consciência singular, formando assim um espírito específico, ou seja um princípio inteligente. Verifica-se sobre a inspiração a seguinte questão de *O Livro dos Espíritos*:

462. Os homens de inteligência e de gênio tiram sempre suas ideias de si mesmos?

– *Algumas vezes as ideias surgem de seu próprio Espírito, mas frequentemente lhes são sugeridas por outros Espíritos, que os julgam*

capazes de as compreender e dignos de as transmitir. Quando eles não as encontram em si mesmos, apelam para a inspiração; é uma evocação que fazem, sem o suspeitar. (KARDEC, 2007, p. 183)

Pode-se deduzir de tudo isto que se vive constantemente em uma comunhão de pensamentos, pois o Espírito/consciência singular é pensamento também, sendo que, em regra, comunica-se com os pensamentos semelhantes a que se emite, simplesmente porque pensamentos relativamente inferiores não fazem mais parte do interesse da consciência singular e os pensamentos superiores são conceitos que não foram apreendidos ainda. Mas, pela mediação, aos poucos vai-se apreendendo os conceitos e compreendendo os pensamentos superiores.

4.3.5 Pluralidade dos Mundos habitados

Esse princípio faz menção às várias possibilidades de existências em diferentes dimensões. Se relaciona com o princípio da reencarnação, pois a existência desses vários mundos advém dos “lugares” (entre aspas porque a palavra lugar refere-se geralmente a uma determinação no espaço, o que pode não ser exato em se tratando do plano da consciência) que os Espíritos desencarnados se encontrariam, inclusive em função também de uma escala evolutiva, relacionando-se, portanto, também, com a teleologia espírita da evolução do Espírito.

Kardec interroga seus interlocutores espirituais sobre este assunto. As Questões 55 e 58 e suas respostas trazem algumas elucidações a respeito, em especial, sobre a utilidade espiritual do restante do Universo, fora a Terra.

55. Todos os globos que circulam no espaço são habitados?

– Sim, e o homem terreno está bem longe de ser, como acredita, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Há, entretanto, homens que se julgam espíritos fortes e imaginam que só este pequeno globo tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Creem que Deus criou o Universo somente para eles (KARDEC, 2007, p. 68).

58. Os mundos mais distanciados do Sol são privados de luz e calor, de vez que o Sol lhes aparece apenas como uma estrela?

– Acreditaís que não há outras fontes de luz e de calor, além do Sol? Não tendes em conta a eletricidade, que em certos mundos desempenha um papel desconhecido para vós, bem mais importante, que o que lhe cabe na Terra? Aliás, não dissemos que todos os seres vivem

da mesma maneira que vós, com órgãos semelhantes aos vossos (KARDEC, 2007, p. 68).

O Espiritismo afirma, então, que há vida em todos os globos, sendo que afirma que a constituição física, tanto das condições ambientais dos planetas quanto dos organismos que os habitam, pode ser diferente. Dessa forma, apesar de parecer um exagero, a universalização feita, de afirmar que *todo* globo é habitado, compreende-se que planetas com constituições diferentes da Terra poderiam abrigar vida adaptada a eles. Note-se que tal vida seria inteligente, pois o uso do verbo *habitar* demonstra que se quis inquirir dos espíritos sobre alguma sociedade minimamente evoluída.

Para o Espiritismo, a pluralidade dos mundos habitados reflete a caridade infinita do Criador, pois haveria um mundo próprio para cada espírito segundo a sua evolução moral. Nenhum Espírito haveria de ficar sem lar. Cada Espírito é levado a habitar o mundo que lhe é compatível, levando-se em consideração as suas necessidades de aprendizagem.

Do ponto de vista da IEE, a possibilidade de existência de planos ou dimensões de existência se dá através do princípio do Espírito Absoluto ser em si, por si e para si, Seção 3.2, Tese 1, se o Espírito Absoluto a tudo contém, nada impede que nele haja outros planos de existências, bem como a efetivação da vida se dê em outros planetas ou em outras dimensões *espirituais*. Desde que se reconheça o planeta Terra como natureza, todos os outros planetas também o são, de modo que se encaixaria na exposição do Espírito Absoluto.

O presente princípio do espiritismo em estudo, dentre os cinco, é o de menor relevância para uma filosofia como a hegeliana e a IEE, pelo menos em um primeiro momento. Em geral, a preocupação dessas filosofias é explicar a realidade na qual estão inseridas, bem como os universais necessários que fazem a realidade ser como é. Dessa maneira, as questões principais giram em torno do ser, do espírito e do Todo. Questões sobre vida após a morte são até consequências das questões metafísicas, porém questões sobre vida em outros mundos podem ser deixadas para um segundo momento. Para o Espiritismo, no entanto, a questão vem a explicar o processo reencarnatório em pormenores, detalhando a evolução espiritual.

Para o Espiritismo, a vida em outros mundos faz parte da evolução espiritual do mesmo modo como, para um ser humano, a educação formal começa na pré-escola e termina na faculdade, por exemplo. Vive-se em mundos compatíveis com os conceitos apreendidos pelo Espírito, pela consciência singular, e vai-se trocando de mundo à medida que aquele mundo já não oferece mais conceitos a serem apreendidos. Tal possibilidade seria decorrente da comunhão de pensamentos semelhantes e da mediação para a apreensão de conceitos, ou seja, a consciência singular estaria habitando um mundo ou planeta no qual a consciência geral seria compatível com os conceitos que já foram apreendidos por ela e com os conceitos a serem apreendidos, sem solução de continuidade. Os conceitos, tanto os apreendidos como os a apreender, devem ser mais ou menos próximos, de maneira a não estarem muito distante, e conseqüentemente causar estranhamento, da consciência singular.

O raciocínio espírita que explica a vida em outros mundos é coerente com seus princípios e faz imaginar a imensidão de vida e de civilizações que existem pelo universo, de maneira até a encarar a morte de maneira socrática, ansiando pela libertação da matéria, para poder conhecer tudo o que existe, perguntando-se se todas as obras ficcionais não seriam elaboradas com consciências singulares inspirando para trazer a ideia de possibilidades novas e mais avançadas.

5 DA IEE A UMA FILOSOFIA DA RELIGIÃO NEOHEGELIANA ATUAL

Como já citado, a exposição do *centro* ou a *espinha dorsal* do pensamento hegeliano se encontra na *Enciclopédia*. Em tal obra, Hegel busca desenvolver os conceitos de maneira mais sucinta possível, sem deixar de fora nada que seja essencial a exposição do sistema. Porém, o próprio Hegel desenvolveu alguns aspectos de maneira apartada, como, por exemplos, na *Ciência da Lógica*, chamada convencionalmente de *Grande Lógica*, e nos *Princípios da Filosofia do Direito*. Hegel não teve tempo em vida de desenvolver em uma obra escrita sobre o aspecto religioso, embora tenha desenvolvido uma análise mais aprofundada da religião, em suas Lições sobre a Filosofia da Religião (cf. HEGEL, 1971, 1983, 1985, 1986). Neste capítulo, buscar-se-á discutir alguns aspectos gerais de uma filosofia da religião neohegeliana atual, que seria compatível com o desenvolvimento anteriormente realizado por Hegel, com base na Interpretação Espiritual Especulativa.

O desenvolvimento de uma filosofia da religião neohegeliana se depara, inicialmente, com o começo de uma teologia, que é saber o que é Deus. Como o Tassinari (2015, p. 332) aponta:

Segundo Hegel, uma das grandes dificuldades lógico-filosóficas da exposição do que é Deus e, conseqüentemente, do objeto da Filosofia, está em que é o predicado, ou ainda, na Filosofia, as determinações de pensamento, que explicitam o que o sujeito é. Como diz o próprio Hegel: Na proposição Deus é eterno etc., começa-se com a representação Deus; mas o que ele é ainda não se sabe; só o predicado enuncia o que ele é". (TASSINARI, 2015, p. 332)

Esse trecho indica algo dificultoso tanto para a filosofia da religião quanto para a Filosofia em geral. Para Hegel, Filosofia e Religião são intrinsecamente ligadas, têm o mesmo objeto, inclusive. O §572 da *Enciclopédia* faz a relação entre religião e Filosofia, além da arte, ao falar exatamente sobre a Filosofia:

Essa ciência [a Filosofia] é a unidade da arte e da religião, enquanto o modo de intuição da arte, exterior quanto à forma, o seu produzir subjetivo e o fracionar do conteúdo substancial em muitas figuras autônomas são reunidos na *totalidade* da religião; e o dispersar-se que se desdobra na representação da religião e a mediação dos [elementos] que se desdobram não só são recolhidos em um todo, mas também unidos na *intuição* espiritual simples, e elevados depois ao *pensar*

consciente-de-si. Por isso esse saber é o conceito, conhecido pelo pensamento, da arte e da religião, em que o diverso no conteúdo é conhecido como necessário, e esse necessário como livre. (HEGEL, vol. III 1995, p. 351)

Para Hegel, a Filosofia abrange os conhecimentos da Religião e da Arte, e o desenvolvimento dos conceitos da Religião devem ser aprofundados para se compreender os processos de apreensão dos conceito do ponto de vista da consciência singular, de maneira a tornar razoável e racional, para a consciência singular mesma, aqueles influxos de sentimentos religiosos, entendendo suas origens e função. Mas, para tal, há a necessidade de encadeamento lógico-filosófico, pois só haveria desenvolvimento lógico-filosófico da função dos sentimentos religiosos e de suas origens se se levasse em conta a teleologia espírita da perfectibilidade do Espírito, ou consciência singular, por exemplo.

Investigar Deus e os conceitos religiosos, seria, ao mesmo tempo, investigar a Verdade e o Todo, portanto. A divisão que se faz normalmente do conhecimento humano é para fins de compreensão e estudo, mas há que existir um todo de compreensão que abranja todas as divisões possíveis. A IEE busca ser uma filosofia nesse sentido, de buscar o todo de compreensão, de explicar o Todo, ou, pelo menos, suas características principais. A investigação dos conceitos religiosos contribuem para a visão geral do Todo. A possível conclusão de que o Absoluto é uma entidade consciente já é plenamente aceita pela IEE, na sua interpretação da auto exposição hegeliana do Absoluto: “Ou seja, conceitualmente e demonstradamente, na Enciclopédia e, com isso, na Filosofia, a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto é um ser onisciente, onipresente e onipotente” (TASSINARI, 2020, p. 254-256.).

Propor a possibilidade de uma filosofia da religião neohegeliana atual significa desenvolver os conceitos necessários para que seja possível para o indivíduo (e, portanto, para a coletividade) estabelecer sua relação com a divindade de maneira mais racional, compreendendo, conseqüentemente, as bases da própria fé. Haveria, portanto, fundamentos para uma fé raciocinada; em especial, assim, não se trataria uma fé cega, que levaria a um crê por crer, mas a uma fé em que se acredita por compreensão. Haveria uma progressão lógico-filosófica da representação e compreensão religiosa até a compreensão filosófica, através da auto exposição do Absoluto através da apreensão desses conceitos religiosos. Tal base serviria tanto a

uma religião prática, tanto no sentido ético-moral quanto no sentido devocional, como também a uma religião mais preocupada com precisão das bases teológicas, sendo que a soma das duas características levariam à uma religião verdadeira.

A seguir busca-se expor alguns conceitos que possibilitam uma religião que tenha a capacidade de tornar razoável e racional os sentimentos religiosos, de maneira que torna *possível* comportar ou englobar doutrinas que explicitem, de maneira mais aprofundada, questões sobre o que acontece com a consciência depois da morte do corpo, questão não abordada de forma direta na filosofia hegeliana, por exemplo. Neste aspecto, a IEE traz os conceitos que permite um desenvolvimento nesse sentido, sendo possível, inclusive, pensar as bases conceituais de uma doutrina aos moldes do Espiritismo.

5.1 Conceitos que permitem pensar uma Filosofia da Religião Neohegeliana Atual

Todos os conceitos principais da IEE, citados já, são importantes para se delimitar uma filosofia da religião neohegeliana atual, mesmo porque são encadeados ou desmembramentos um dos outros. Porém, ressalta-se alguns que explicitam melhor como seriam as características de uma filosofia da religião neohegeliana atual, além de somarem-se com características de conceitos espíritas, que ampliam a concepção da auto exposição do absoluto, na medida em que ajudam a elucidar como se dá cada conceito.

5.1.1 Conceito do Espírito Absoluto em si, por si e para si (Seção 3.2, Tese 1) e de que Há Deus (Subseção 4.3.1)

O Espírito Absoluto sendo em si, por si e para si é um dos conceitos que mais possibilita as características de Deus que a maioria das teologias apontam, tais como infinitude, onipresença e onisciência, geralmente indicando que as qualidades de Deus são de natureza infinita. A auto exposição da *Enciclopédia* demonstra que, além de ser o verdadeiro infinito, o Espírito Absoluto é o todo e o tudo, desta maneira, qualquer característica apontada a Deus como sendo infinita realmente subsiste no Absoluto.

Tal conceito, somado ao conceito espírita de que há Deus, proporciona a concepção de que há um ponto convergente para a progressão lógico-filosófica, que há um fim no desenvolvimento dos conceitos. E o fim seria, ao mesmo tempo, o começo, pois contém em si todos os conceitos já efetivados. Desse modo, tal conceito permite que uma doutrina ou religião adote tal ponto convergente como a entidade a ser venerada e obedecida. Porém, tal adoção deve ser relativa, permitindo espaço para que o deus adotado “cresça” por apreensão de conceitos, ou seja, que se saiba que o deus considerado deverá ser entendido cada vez com mais complexidade a medida que o próprio conhecimento avança na descoberta da Verdade.

5.1.2 Conceito de Progressão Lógica (Seção 3.2, Tese 4) e Conceito de Reencarnação (Subseção 4.3.3)

Uma das características principais da exposição enciclopédica apontadas pela IEE é o de progressão lógica-filosófica: “Existe uma progressão lógico conceitual na exposição enciclopédica de tais conceitos e razões gerais; ou seja, a progressão da exposição enciclopédica se dá do ponto de vista lógico[-filosófico]” (TASSINARI, 2020, p. 254). A IEE explicita que a exposição dos conceitos progride lógico-filosoficamente, que há uma relação de desenvolvimento lógico-filosófico que parte do primeiro conceito hegeliano, no sentido da apresentação enciclopédica, que é o *ser*, finalizando com o conceito maior, que é *Espírito Absoluto*. Por progressão lógico-filosófica, deve-se entender que os conceitos são lógico-filosoficamente alcançados por inferências lógico-filosóficas dos conceitos anteriores. A mediação, que faz com que a consciência singular traga para si algo que ela não sabia, faz com que haja a possibilidade da dialética, levando a consciência singular a apreender novos conceitos.

Ao se entender que há progressão lógico-filosófica na auto exposição enciclopédica do Absoluto, deve-se esperar que haja encadeamento lógico-filosófico em qualquer parte de sua auto exposição, mesmo que não explicitada na enciclopédia. Os conceitos que permitem uma nova filosofia da religião neohegeliana atual são progressivos lógico-filosoficamente. Ou seja, não dependem de progressão histórica, já que estão *fora* de tempo e espaço, dependem da explicitação lógico-filosófica do próprio Absoluto. Dessa maneira, toda a passagem de apreensão para

um novo conceito é lógico-filosófica e não pode apresentar solução de continuidade, ou seja, saltos lógico-filosóficos que fariam com que se atingisse um conceito superior a partir de um mais inferior sem que se atinja o intermediário, como, por exemplo, passar do conceito de família para o conceito de estado sem passar pelo conceito de sociedade civil, como pode ser observado na sessão Espírito Objetivo da *Enciclopédia*.

Dito de outro modo, somado ao conceito de reencarnação do Espiritismo, pode-se considerar que o conceito de progressão lógico-filosófica traria em si a apreensão da Verdade, conceito a conceito, pela consciência singular através das várias vidas que teria na Terra. Sendo que a cada encarnação, a consciência singular apreende determinados conceitos através da mediação que suas vivências e a convivência com outras consciências singulares ofereceriam. Não poderia, por se tratar de progressão lógico-filosófica, haver saltos de conceitos apreendidos, de maneira que seria coerente a afirmação espírita de que há hierarquia entre as consciências singulares.

5.1.3 Conceito de conceitos já realizados (Seção 3.2, Tese 5)

Como se viu, a progressão dos conceitos é lógico-filosoficamente concatenada, de maneira que para um eu que busca conhecer o Espírito Absoluto há a necessidade de desenvolver os conceitos que permitem compreender e para chegar ao conceito maior. Mas, para que haja esse encadeamento lógico-filosófico, os conceitos maiores que levam ao conceito maior já devem estar realizados no Espírito Absoluto, pois, do ponto de vista lógico-filosófico, só se pode ascender a um conceito que já esteja realizado, pois as bases já deveriam estar dadas. Dessa forma, do ponto de vista do Espírito Absoluto, por ele ser o Todo, seu conceito deve estar realizado. E, como ele é o conceito maior, cuja significação engloba todos os conceitos, cada conceito menor está realizado nele e por ele.

Assim, a consciência singular que trilhar o caminho da progressão lógico-filosófica se deparará com os conceitos que já estão realizados no e pelo Espírito Absoluto e que vão se explicitando para o indivíduo. A melhor forma de se compreender este tópico é fazendo o caminho inverso, do conceito de Absoluto até o conceito de ser, usando a auto exposição enciclopédica. Verifica-se, dessa forma, como os conceitos menores são, na verdade, derivações da significação do conceito

maior, do Absoluto. Logo, só seria possível um encadeamento lógico-filosófico se todos os conceitos já estejam efetivados no Absoluto. Portanto, a progressão se dá do ponto de vista da consciência singular.

5.1.4 Conceito de que Espírito Absoluto é o Todo (Seção 3.2, Tese 7) e Conceito de Existência e Imortalidade do Espírito (Subseção 4.3.2)

Em decorrência deste conceito, pode-se afirmar que há um monismo no Idealismo Absoluto de Hegel. Tudo é Ideia, tudo é Espírito Absoluto: “Aqui se expressa claramente a concepção de um Idealismo Absoluto hegeliano monista, no qual tudo é Ideia e Espírito, Ideia/ Espírito é a substância absoluta e universal de tudo!” (TASSINARI, 2020, p. 255). Essa Ideia é o próprio conhecimento nele mesmo, do próprio Absoluto, que se explicita aos indivíduos que o buscam conhecer, e, na verdade, simplesmente conhecer, pois ao se buscar conhecimento só se pode conhecer o Todo. A substância absoluta e universal de tudo é o Espírito Absoluto.

Tal conceito somado ao conceito espírita da existência e imortalidade do Espírito permite considerar que o Espírito, ou consciência singular, seja eterno, no sentido de não ter fim, pois se existe, e só pode existir no Todo, e se o Todo possui a tudo, a consciência singular está no Todo, eternamente, de maneira que, no plano da consciência, pode-se admitir que a consciência singular não se desvanece. Dito de outro modo, a consciência singular, na medida em que se percebe autoconsciência, entende que faz parte de uma grande consciência, consciência essa que possui a tudo, inclusive essa autoconsciência.

5.1.5 O Conceito de Sujeito/Eu (Seção 3.2, Tese 9)

Um dos conceitos da IEE que mais se conecta com a religião é o de que o Espírito Absoluto é Sujeito. Por esse conceito pode-se afirmar que “a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto é um Eu que é nós e um nós que é Eu” (TASSINARI, 2020, p. 254-256.). A partir disso, a conexão com a divindade é intrínseca, pois, se o Absoluto é um eu que é nós, é-se também esse Absoluto, de forma que a investigação sobre si mesmo remete ao que é o todo e a investigação do todo recai em autoconhecimento. Autoconhecer-se é conhecer Deus e conhecer Deus é autoconhecer-se. Nesse

sentido, a relação entre o Eu e nós não é uma relação exterior, nem é apenas uma relação de parte ao todo, como um mero agregado, nem mesmo é uma relação apenas sistêmica, como se um indivíduo fosse um elemento (ainda que essencial) do sistema, mas é uma relação *sui generis*.

Tal correlação entre Deus e o indivíduo já se buscava explicitar em teologias antigas, tal como expressa na inscrição do Templo de Delfos: “conhece-te a ti mesmo e conhecerás todo o universo e os deuses, porque se o que procuras não achares primeiro dentro de ti mesmo, não acharás em lugar algum”, além de vários outros exemplos, como Rumi, teólogo sufi persa, cujo um aforismo atribuído a ele é “Eu procurei por Deus e encontrei apenas a mim mesmo. Eu procurei por mim mesmo e encontrei apenas Deus”.

A filosofia hegeliana salienta que, do ponto de vista do conhecer filosófico, não se deve ficar apenas na representação própria de uma religião, que não seja a religião verdadeira, deve-se buscar a razão, a filosofia, para saber o que é o Absoluto. Apesar de quase todas as teologias intuïrem sobre a unidade entre Deus e o homem, há a necessidade de se compreender conceitualmente como isso se dá. E essa compreensão conceitual se dá por conceitos.

Pelo conceito de Absoluto como Sujeito, o “Absoluto é compreensão absoluta que contém todos os eus, e seu conteúdo vêm a constituir os conteúdos de todos os eus, tendo seu conteúdo parcialmente compreendido pelos eus” (TASSINARI, 2020, p. 255.). O Absoluto, que, em termos religiosos, pode ser dito Deus, é um ente consciente, pois é compreensão absoluta. A consciência de Deus é o conteúdo de todos eus conscientes. Deus confere a cada eu, portanto, uma parte de sua consciência, mas nunca deixando de ser essa mesma consciência. Dessa maneira, pode-se compreender conceitualmente nossa intuição da relação com Deus, bem como os aforismos, como o atribuído a Rumi: “Eu procurei por Deus e encontrei apenas a mim mesmo. Eu procurei por mim mesmo e encontrei apenas Deus.”, ganham bases filosóficas.

Por fim, pode-se representar o que foi dito pela igualdade Absoluto = Sujeito, e que ela tem também a significação de que Deus (Absoluto) é a própria consciência de cada eu consciente. Dizer que Deus está em nós significa que se está ligado a Deus

por esta consciência, esta inteligência, esta razão. E a relação entre as inteligências individuais e a inteligência divina é *sui generis* e tem as características apontadas.

5.1.6 Conceito de Espírito para a IEE (Seção 3.4) e para o Espiritismo (Seção 4.1)

O conceito de espírito para a IEE, somado às características do conceito de espírito para o Espiritismo possibilitam compreender que o pensamento é fruto de uma consciência que permeia a tudo, pois tudo só pode ser apreendido pela consciência, pelo pensamento. Por este princípio, o Espírito Absoluto é a consciência do Todo. Conceber uma consciência que permeia a tudo permite que haja uma teleologia, um objetivo para a existência da consciência singular, de maneira que permite que se admita a teleologia espírita, que diz que o Espírito, ou consciência singular, progride moralmente até chegar à perfeição.

Por um determinado momento, pode-se entender que o pensamento é o próprio ser. Desta maneira, a própria afirmação de Cristo, dizendo que ele e Deus seria uma mesma coisa, teria validade por este princípio, pois a ligação se daria pelo pensamento. Jesus estaria em comunhão de pensamento com o Absoluto, de forma que suas lições, ou pregações, estariam em consonância do que seria as próprias determinações do Absoluto.

5.1.7 Conceito de Mediação

O conceito de mediação permite a apreensão dos conceitos pela consciência singular. Para que haja tal apreensão, é necessário que a consciência singular reconheça *para si* o seu *em si*, ou seja, é necessário que tudo aquilo que a consciência singular tem o potencial de atingir e compreender, que seria tudo, pois a consciência singular também é o Todo, seja compreendida, para ela, como conceito, de maneira que ela se dê conta da realidade que a cerca. A apreensão de conceitos se dá pela confrontação da realidade, ou visão de mundo, que a consciência singular tem com uma outra realidade, com a percepção de que a visão de mundo anterior não dá conta de explicar mais a realidade que a cerca, sendo necessários novos conceitos para a compreensão desta realidade.

A medição pode ser realizada por confrontação das visões de realidade das diferentes consciências singulares, de maneira que perceber que outra consciência singular vê o mundo de maneira diferente e, em certa medida, possui conceitos que explicam a realidade de forma que não se compreendia antes, é uma forma de solucionar o solipsismo. Segundo o Espiritismo, a dor, ou os demais problemas, que um Espírito enfrenta em uma encarnação seria uma forma de mediação, também, ocasionando o aprendizado do Espírito através das encarnações pela maneira mais patente de perceber que a visão de realidade dessa consciência singular não condiz com a verdadeira realidade, que pode ser considerada como o caminho de apreensão dos conceitos, que, do ponto de vista teológico, seria apreender que o Todo é amor.

5.2 Uma Filosofia da Religião Neohegeliana Atual e O Conhecimento

Levando-se em conta o desenvolvimento dos princípios da última seção e a análise da possibilidade dos principais princípios espíritas, Seção 4.3, pode-se estabelecer o que poderia vir a ser uma doutrina ou filosofia que teria por escopo a reunião da consciência singular com o Absoluto. Se a finalidade da religião é a ligação da consciência singular com seu criador, e a finalidade da filosofia é conhecer o todo, a partir de Hegel, essas duas esferas do conhecimento humano se fundem no Absoluto, conhecer o todo e se ligar a Deus é a mesma coisa, a mesma jornada com caminhos diferentes que se encontrarão em determinado ponto. Para Hegel, o conceito de filosofia engloba o conceito de religião, porém o sentido usado agora é referente à filosofia como se entende em geral, da investigação racional acerca das questões mais importantes, de maneira que, nesse sentido, religião e pensamento filosófico podem se assemelhar no tocante às verdades assumidas.

Tal ponto de encontro seria exatamente a apreensão do conceito de autoconsciência pela consciência singular e de si no interior da Razão, quando há que se analisar o conceito de consciência que se é, percebendo-se que tudo está e se desenvolve na consciência, que se configura um outro plano, e então a consciência singular se percebe uma autoconsciência no interior de uma autoconsciência maior, a Razão, sendo isso o espírito. Neste ponto, percebe-se que o objetivo da filosofia e da religião é o mesmo, a Verdade, o Todo, o Absoluto, e a expressão desse objetivo pode

se dar de muitas formas, mas, necessariamente, deve compreender os mesmos conceitos, independentemente do ponto de vista.

O próprio conceito de fé se relaciona com a apreensão da verdade, pois, do ponto de vista da consciência singular que tem a fé, há a certeza do objeto de suas considerações e não meramente crença, independentemente do objeto de considerações for Deus ou uma corrente filosófica. Aquele que possui fé sabe e conhece a Verdade segundo suas apreensões. Porém, como geralmente acontece, a verdade de cada um pode se solidificar, tornando-se extremamente rígida, com carga emocional, dificultando o questionamento das razões da sua própria verdade, ou seja, questionar o porquê se admitiu determinada verdade pode ser dificultoso.

Uma filosofia da religião baseada em conceitos, em progressão lógico-filosófica e racional, facilitaria o questionamento da consciência singular à sua própria verdade, de maneira que pode ser aplicado a pensamentos filosóficos dogmáticos também, pois uma corrente pode acabar se comportando como uma religião, se a consciência singular admitir suas premissas como objeto de fé, como certeza. Deste modo, uma filosofia da religião nesses moldes seria apta a reencaminhar qualquer forma de doutrina dogmática, religiosa ou filosófica, à progressão lógico-filosófica dos conceitos. Filosofia da religião, sob essa ótica, portanto, pode se referir, também, àquilo que é o objeto de fé da consciência singular, porque é a sua verdade.

Pode-se admitir os conceitos da IEE e do Espiritismo, sob uma nova filosofia da religião neohegeliana atual, para lançar novos olhares para o pensamento filosófico anterior, de maneira que haveria nova chave interpretativa se se levasse em conta o conceito de progressão espiritual, a teleologia espírita. A filosofia socrático-platônica poderia ser entendida como uma revelação de conceitos espíritas já naquela época, de forma que alguns conceitos como a reencarnação já estariam contidas nela, por exemplo. Se se admitir essa nova forma de entender a realidade, as premissas, os axiomas e os dogmas que orientaram as doutrinas anteriores poderiam ser reanalisados, para se entender até que ponto seriam coerentes com os conceitos atualmente considerados e até que ponto cada apreensão da Verdade contribuiu com a visão geral do Todo.

O conceito de espírito para essa nova filosofia, do ponto de vista da consciência singular, seria uma autoconsciência que se reconhece como tal em uma consciência

que abrange a tudo e que tem por finalidade progredir moralmente através da apreensão de conceitos. Seria o principal conceito a nortear a análise de pressupostos das bases filosóficas das filosofias anteriores e as considerações que se farão acerca da Verdade, sobre as suas verdades, ou seja, as verdades que se consideram para dar bases a doutrinas filosóficas e religiosas deveriam ser coerentes com o conceito de espírito. Se se levar em conta tal princípio, a consideração da consciência que sobrevive à morte do corpo físico e se desenvolve moralmente deve nortear o que se admitir como base para orientar um raciocínio acerca de algum aspecto da Verdade, pelo menos.

6 CONCLUSÃO

O presente trabalho expôs o conceito de Espírito a partir da Interpretação Espiritual Especulativa (IEE) proposta por Tassinari e sua possível relação com o conceito de Espírito e suas propriedades no Espiritismo. Viu-se, no Capítulo 2, *Espiritismo*, o resumo de algumas das principais teses do Espiritismo, em especial, aquelas que foram aqui discutidas, e elucidou-se os pontos que podem fazer com que se possa considera-lo uma contribuição ao pensamento filosófico. No Capítulo 3, *A Interpretação Espiritual Especulativa* apresentou-se, resumidamente, a IEE, que se define como um pensamento neohegeliano atual, expondo suas bases hegelianas, inclusive. No Capítulo 4, *Uma Filosofia da Religião Neohegeliana Atual e O Espiritismo*, analisou-se o Espiritismo pelo viés da IEE, no sentido de mostrar que há, na exposição do Espiritismo e, conseqüentemente, na essência da doutrina, conceitos coerentes com o hegelianismo, e que os sentidos desses podem ser aprofundados por essa visão neohegeliana atual. Nesse Capítulo 4, pôde-se afirmar a possibilidade do Espiritismo do ponto de vista conceitual. No Capítulo 5, *Da IEE a uma Filosofia da Religião Neohegeliana Atual*, apresentaram-se conceitos que podem ser aduzidos da análise realizada no Capítulo 4 e que podem vir a embasar uma Filosofia da Religião atual, vindo também a constituir uma nova abordagem para analisar as questões propriamente filosóficas.

Pelo exposto, conclui-se ser possível pensar o conteúdo apresentado pelo Espiritismo a partir da Interpretação Espiritual Especulativa (IEE) da filosofia hegeliana. Dessa forma, pode-se dizer que a IEE traz conceitos que possibilitam as asserções do Espiritismo, tanto da existência de Deus quanto da reencarnação. Como frisado neste trabalho, não se trata de afirmar que o Espiritismo está necessariamente correto, mas sim de mostrar que o que ele assere é possível sob uma reinterpretação dessas asserções do ponto de vista conceitual da IEE. Este trabalho considerou como conceito chave o conceito de *espírito*, que, embora, inicialmente, tenha diferentes significações, na IEE e no Espiritismo, tais significações podem vir a ser reconciliadas em uma concepção de espírito coerente com o Espiritismo e com a auto exposição do Absoluto, de acordo com a IEE.

O conceito de *espírito* assumido pelo Espiritismo indica que há um ser que engendra a Realidade. Dada a possibilidade deste ponto de vista, conclui-se que seria lícito usar as concepções espíritas para interpretar o pensamento filosófico. Isso quer dizer que se pode estabelecer visões da Realidade tendo por base a perfectibilidade dos Espíritos, perfectibilidade essa que diz que seríamos seres imortais sujeitos a um processo de depuração, rumo a perfeição. Nesse sentido, haveria um *telos* para a existência da Realidade, ou seja, tudo existe em função do progresso do *espírito*. Qualquer pensamento, segundo esse ponto de vista, deveria partir desse pressuposto para poder dar conta da Realidade. A própria interpretação do pensamento hegeliano teria que passar por esse crivo, de maneira que se poderia entender que a auto exposição do Absoluto exposto na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* seria, ou pelo menos conteria, a exposição do caminho da perfeição a ser traçada pela consciência singular, ou seja, o caminho que já percorremos, que estamos percorrendo e que percorreremos para compreender Deus.

A forma como se pode estruturar o pensamento filosófico através da adoção das considerações espíritas oferece uma complementação filosófica que, se se considerar apenas o aspecto da relação do indivíduo com a visão religiosa, possibilita uma filosofia da religião que se optou chamar de Filosofia da Religião Neohegeliana Atual. De forma geral, conclui-se que a análise do conceito de espírito no Espiritismo pela IEE possibilita tanto a possibilidade da referida doutrina quanto novas possibilidades de interpretações filosóficas que respondem aos problemas humanos.

REFERÊNCIAS

Obras de Hegel (ordem alfabética)

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio: 1830**. G W F Hegel; texto completo, traduzido por Paulo Meneses com a colaboração de José Machado. Volume I. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio: 1830**. G W F Hegel; texto completo, com os adendos orais, traduzido por José Machado traduzido por com a colaboração de Paulo Meneses. Volume II. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio: 1830**. G W F Hegel; texto completo, traduzido por Paulo Meneses com a colaboração de José Machado. Volume III. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion I*. Teil 1. Einleitung. Der Begriff der Religion. Hamburgo: Meiner, 1983.

_____. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion II*, 1. Teil 2,1. Die bestimmte Religion, Textband. Hamburgo: Meiner, 1985.

_____. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion II*, 2. Teil 2,2. Die bestimmte Religion, Anhang. Hamburgo: Meiner, 1985.

_____. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion III*. Teil 3. Die vollendete Religion. Hamburgo: Meiner, 1983.

_____. *Werke 16: Vorlesungen über die Philosophie der Religion I*. Eds.: Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

_____. *Werke 17: Vorlesungen über die Philosophie der Religion II*. Eds.: Eva Moldenhauer and Karl Markus Michel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971.

Demais Obras (ordem cronológica)

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos: Filosofia Espiritualista**, traduzido por José Herculano Pires. São Paulo: LAKE, 2007.

_____. **O Que é o Espiritismo.** Traduzido por Wallace Leal V. Rodrigues. São Paulo: LAKE, 2011

TASSINARI, R. P. **O Sistema das Autoconsciências: da Epistemologia Genética a um Idealismo Especulativo.** SCHÈME: REVISTA ELETRÔNICA DE PSICOLOGIA E EPISTEMOLOGIA GENÉTICAS, v. 5, p. 247-283, 2013.

_____. **O Sistema das Autoconsciências: Da Epistemologia Genética a um Idealismo Especulativo.** In: Draiton Gonzaga de Souza; Francisco Jozivan Guedes de Lima (Orgs.). *Filosofia Interdisciplinaridade*, 2015, pp. 851-890.

_____. **Deus na Filosofia Hegeliana.** In: SANTOS, L.R.; MARQUES, U.R.A.; AFONSO, F. (Orgs.) *Jornadas Filosóficas Internacionais de Lisboa 2015: Filosofia & Atualidade*. 1ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2015, pp. 331-340.

_____. **Ser (Neo)Hegeliano Hoje: O Espírito Enciclopédico.** In: TASSINARI, R.P.; BAVARESCO, A.; MAGALHÃES, M. M.. (Org.). *Enciclopédia das ciências filosóficas: 200 anos*. 1ed.Porto Alegre - RS: Editora Fi, 2018, v. 1, p. 237-257.

_____. **On the self-organizing of Reality-Totality as living knowledge.** In: PEREIRA JUNIOR, A.; PICKERING, W. A.; GUDWIN, R. (Org.). *Systems, Self-Organisation and Information: An Interdisciplinary Perspective*. 1ed.New York - NY: Routledge, 2019a, v. 1, p. 75-84.

_____. **Ciência da Lógica: Ciência Subjetiva, Ciência Objetiva e Teologia Especulativa.** In: HELFER, I. (Org.). *Lógica e Metafísica em Hegel*. 1ed.São Leopoldo - RS: Unisinos, 2019b, v. , p. 150-173.

_____. **Sobre as Interpretações da Filosofia Hegeliana e suas Superações na Ideia da filosofia e no Espírito Absoluto: A Interpretação Espiritual Especulativa.** In: TASSINARI, Ricardo Pereira; BAVARESCO, Agemir.; MAGALHÃES, Marcelo Marconato (Orgs.). *Hegel e a Contemporaneidade*. Porto Alegre - RS: Editora Fundação Fênix, 2020a, pp. 247-268.

_____. **Tudo é Filosofia! A Ideia da Filosofia e sua Exposição em Hegel.** In: FERRER, D.; ORSINI, F.; BORDIGNON, M.; BAVARESCO, A.; IBER, C. (Org.). *A*

Autobiografia do Pensamento: A Ciência da Lógica de Hegel. 1ed.Porto Alegre - RS:
Editora Fundação Fênix, 2020b, p. 347-367.